

Para responder às questões de 01 a 07, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento. Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações. Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros loco- motores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se leses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

Na crônica, João Alves é descrito como

- (A) rústico e mesquinho.
- (B) calculista e interesseiro.
- (C) generoso e precipitado.
- (D) sensato e metucioso.
- (E) ingênuo e conformado.

RESPOSTA D

Nesta questão, de interpretação de texto simples, o candidato deveria identificar as características pertinentes a João Alves, personagem da crônica de Drummond. Pode-se perceber, através de uma leitura atenta, que a atitude de João Alves, portador de uma “prudência mineira”, tem cuidado no trato com as palavras e na descrição de sua besta vermelha, o que lhe confere as características de ser sensato e metucioso, por exclusão.

Para responder às questões de 01 a 07, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento. Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações. Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros loco- motores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

O humor presente na crônica decorre, entre outros fatos, do fato de o cronista

- (A) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- (B) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- (C) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- (D) empregar o termo “besta” em sentido também metafórico.
- (E) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

Nesta questão muito simples de interpretação de texto, fica evidente, já no início do texto, que o fato que confere humor à crônica é o anúncio de procura de uma besta feita por João Alves Júnior, muito bem utilizado e desenvolvido por Drummond.

Para responder às questões de 01 a 07, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento. Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações. Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros loco- motores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se leses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

O cronista manifesta um juízo de valor sobre a sua própria época em:

(A) “Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira.” (3o parágrafo)

(B) “Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó.” (2o parágrafo)

(C) “Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:” (1o parágrafo)

(D) “Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.” (7o parágrafo)

(E) “Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência.” (7o parágrafo)

Em outra questão simples de interpretação de texto, o candidato deveria identificar qual alternativa apresentava um juízo de valor de Drummond. Facilmente era possível identificar a alternativa D como a correta, pois, através dela, o autor mineiro deixa clara a sua insatisfação com uma degenerescência do estilo e preocupação com a linguagem que acometia os textos de seu tempo.

Para responder às questões de 01 a 07, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento. Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações. Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros loco- motores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se leses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

“Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó.” (2o parágrafo) Em relação ao período do qual faz parte, a oração desta- cada exprime ideia de

- (A) comparação.
- (B) concessão.
- (C) consequência.
- (D) conclusão.
- (E) causa.

RESPOSTA B

Em uma questão de sintaxe pura, o candidato deveria identificar a relação de subordinação expressa pela oração “mesmo que tenha aparecido”. Nesse caso, a conjunção já permitiria uma rápida identificação de sua classificação como subordinada adverbial concessiva.

Está empregado em sentido figurado o termo destacado no seguinte trecho:

- (A) “Formulaste depois um **raciocínio**: houve roubo.” (3º parágrafo)
- (B) “Reparo antes de tudo na limpeza de tua **linguagem**.” (3º parágrafo)
- (C) “Reparo antes de tudo na **limpeza** de tua linguagem.” (3º parágrafo)
- (D) “Não disseste que todos os seus **cascos** estavam ferrados;” (4º parágrafo)
- (E) “Não disseste que todos os seus cascos estavam **ferrados**;” (4º parágrafo)

RESPOSTA C

A alternativa correta é a "c", pois nela encontramos um termo destacado de um fragmento do texto “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade, que explora o sentido figurado, isto é, o sentido abstrato e imaginativo. Em “Reparo antes de tudo na **limpeza** de tua linguagem.”, fragmento extraído do 3º parágrafo, a palavra limpeza possui o sentido de pureza, clareza, algo desprovido de uma sujeira metafórica.

Em "Contudo, não o afirmas em tom **peremptório**: 'tudo me induz a esse cálculo'." (5o parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo de sentido para o texto, por:

- (A) incisivo.
- (B) irônico.
- (C) rancoroso.
- (D) constrangido.
- (E) hesitante.

RESPOSTA A

A alternativa correta é a "a" pois peremptório significa algo decisivo, incisivo, e em "tudo me induz a esse cálculo", a afirmação não é assertiva, portanto não é dita em "tom peremptório".

Com base no último parágrafo, a principal qualidade atribuída pelo cronista a João Alves é:

- (A) a prudência.
- (B) o discernimento.
- (C) a concisão.
- (D) o humor.
- (E) a dedicação.

RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

Com base no último parágrafo, a principal qualidade atribuída pelo cronista a João Alves é a dedicação, seu "amor à tarefa bem-feita", como comprova-se no fragmento "porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto".

Para responder às questões de 08 a 11, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a baixa¹ começou a dançar, dizendo

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: *Deo gratias*²! Sou cortesão.

Diabo: Danças também o tordião³?

Frade: Por que não? Vê como sei.

Diabo: Pois entrai, eu tangerei⁴
e faremos um serão.
E essa dama, porventura?

Frade: Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.

Diabo: Fizeste bem, que é lindura!
Não vos punham lá censura
no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que preciosa clausura⁵!
Entrai, padre reverendo!

Frade: Para onde levais gente?

Diabo: Para aquele fogo ardente
que não temestes vivendo.

Frade: Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito⁶ não me val⁷?

Diabo: Gentil padre mundanal⁸,
a Belzebu vos encomendo!

Frade: Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Cristo,
que eu não posso entender isto!
Eu hei de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude?
Assim Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

Diabo: Não façamos mais detença⁹
embarcai e partiremos;
tomareis um par de remos.

Frade: Não ficou isso na avença¹⁰.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença?
Como? Por ser namorado
e folgar c'uma mulher?
Se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

Diabo: Devoto padre e marido,
haveis de ser cá pingado¹¹ ...

(*Auto da Barca do Inferno*, 2007.)

¹ baixa: dança popular no século XVI.

² *Deo gratias*: graças a Deus.

³ tordião: outra dança popular no século XVI.

⁴ tanger: fazer soar um instrumento.

⁵ clausura: convento.

⁶ hábito: traje religioso.

⁷ val: vale.

⁸ mundanal: mundano.

⁹ detença: demora.

¹⁰ avença: acordo.

¹¹ ser pingado: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

No excerto, o escritor satiriza, sobretudo,

- (A) a compra do perdão para os pecados cometidos.
- (B) a preocupação do clero com a riqueza material.
- (C) o desmantelamento da hierarquia eclesiástica.
- (D) a concessão do perdão a almas pecadoras.
- (E) o relaxamento dos costumes do clero.

RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

A partir do fragmento de "O auto da barca do inferno", do dramaturgo português Gil Vicente, constatamos que o autor satiriza, sobretudo, "o relaxamento dos costumes do clero", como pode-se comprovar pelas críticas feitas pelo Diabo ao fato do Frade ter relação conjugal e dançar, culminando em "Gentil padre mundanal / a Belzebu vos encomendo!"

Para responder às questões de **08** a **11**, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a baixa¹ começou a dançar, dizendo

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: *Deo gratias*²! Sou cortesão.

Diabo: Danças também o tordião³?

Frade: Por que não? Vê como sei.

Diabo: Pois entrai, eu tangerei⁴
e faremos um serão.
E essa dama, porventura?

Frade: Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.

Diabo: Fizeste bem, que é lindura!
Não vos punham lá censura
no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que preciosa clausura⁵!
Entrai, padre reverendo!

Frade: Para onde levais gente?

Diabo: Para aquele fogo ardente
que não temestes vivendo.

Frade: Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito⁶ não me val⁷?

Diabo: Gentil padre mundanal⁸,
a Belzebu vos encomendo!

Frade: Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Cristo,
que eu não posso entender isto!
Eu hei de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude?
Assim Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

Diabo: Não façamos mais detença⁹
embarcai e partiremos;
tomareis um par de remos.

Frade: Não ficou isso na avença¹⁰.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença?
Como? Por ser namorado
e folgar c'uma mulher?
Se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

Diabo: Devoto padre e marido,
haveis de ser cá pingado¹¹ ...

(*Auto da Barca do Inferno*, 2007.)

1 baixa: dança popular no século XVI.

2 *Deo gratias*: graças a Deus.

3 tordião: outra dança popular no século XVI.

4 tanger: fazer soar um instrumento.

5 clausura: convento.

6 hábito: traje religioso.

7 val: vale.

8 mundanal: mundano.

9 detença: demora.

10 avença: acordo.

11 ser pingado: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

No excerto, o traço mais característico do diabo é

(A) o autoritarismo, visível no seguinte trecho: “Não façamos mais detença”.

(B) a curiosidade, visível no seguinte trecho: “Danças também o tordião?”.

(C) a ironia, visível no seguinte trecho: “Que preciosa clausura!”.

(D) a ingenuidade, visível no seguinte trecho: “Fizeste bem, que é lindura!”.

(E) o sarcasmo, visível no seguinte trecho: “Pois dada está já a sentença!”.

RESPOSTA C

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

Como em toda a peça, o traço marcante da personalidade do Diabo é a ironia: o Frade, em particular, é objeto de crítica ferina do “arrais” do inferno, dada a condição supostamente moralizadora do religioso. A expressão “preciosa clausura” revela a intenção satírica do Diabo.

Para responder às questões de **08** a **11**, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a baixa¹ começou a dançar, dizendo

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: *Deo gratias*²! Sou cortesão.

Diabo: Danças também o tordião³?

Frade: Por que não? Vê como sei.

Diabo: Pois entrai, eu tangerei⁴
e faremos um serão.
E essa dama, porventura?

Frade: Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.

Diabo: Fizeste bem, que é lindura!
Não vos punham lá censura
no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que preciosa clausura⁵!
Entrai, padre reverendo!

Frade: Para onde levais gente?

Diabo: Para aquele fogo ardente
que não temestes vivendo.

Frade: Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito⁶ não me val⁷?

Diabo: Gentil padre mundanal⁸,
a Belzebu vos encomendo!

Frade: Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Cristo,
que eu não posso entender isto!
Eu hei de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude?
Assim Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

Diabo: Não façamos mais detença⁹
embarcai e partiremos;
tomareis um par de remos.

Frade: Não ficou isso na avença¹⁰.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença?
Como? Por ser namorado
e folgar c'uma mulher?
Se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

Diabo: Devoto padre e marido,
haveis de ser cá pingado¹¹ ...

(*Auto da Barca do Inferno*, 2007.)

¹ baixa: dança popular no século XVI.

² *Deo gratias*: graças a Deus.

³ tordião: outra dança popular no século XVI.

⁴ tanger: fazer soar um instrumento.

⁵ clausura: convento.

⁶ hábito: traje religioso.

⁷ val: vale.

⁸ mundanal: mundano.

⁹ detença: demora.

¹⁰ avença: acordo.

¹¹ ser pingado: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

Com a fala “E eles fazem outro tanto!”, o frade sugere que seus companheiros de convento

- (A) consideravam-se santos.
- (B) estavam preocupados com a própria salvação.
- (C) estranhavam seu modo de agir.
- (D) comportavam-se de modo questionável.
- (E) repreendiam-no com frequência.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

O frade, com sua fala, parece desculpar-se pela conduta reprovável ao indicar que ele próprio, como seus confrades, são pecadores – afinal, a vida de prazer e luxúria seria comum à classe.

Para responder às questões de 08 a 11, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a baixa¹ começou a dançar, dizendo

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;
Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: *Deo gratias*²! Sou cortesão.

Diabo: Danças também o tordião³?

Frade: Por que não? Vê como sei.

Diabo: Pois entrai, eu tangerei⁴
e faremos um serão.
E essa dama, porventura?

Frade: Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.

Diabo: Fizeste bem, que é lindura!
Não vos punham lá censura
no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que preciosa clausura⁵!
Entrai, padre reverendo!

Frade: Para onde levais gente?

Diabo: Para aquele fogo ardente
que não temestes vivendo.

Frade: Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito⁶ não me val⁷?

Diabo: Gentil padre mundanal⁸,
a Belzebu vos encomendo!

Frade: Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Cristo,
que eu não posso entender isto!
Eu hei de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude?
Assim Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

Diabo: Não façamos mais detença⁹
embarcai e partiremos;
tomareis um par de remos.

Frade: Não ficou isso na avença¹⁰.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença?
Como? Por ser namorado
e folgar c'uma mulher?
Se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

Diabo: Devoto padre e marido,
haveis de ser cá pingado¹¹ ...

(*Auto da Barca do Inferno*, 2007.)

¹ baixa: dança popular no século XVI.

² *Deo gratias*: graças a Deus.

³ tordião: outra dança popular no século XVI.

⁴ tanger: fazer soar um instrumento.

⁵ clausura: convento.

⁶ hábito: traje religioso.

⁷ val: vale.

⁸ mundanal: mundano.

⁹ detença: demora.

¹⁰ avença: acordo.

¹¹ ser pingado: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

Assinale a alternativa cuja máxima está em conformidade com o excerto e com a proposta do teatro de Gil Vicente.

(A) “O riso é abundante na boca dos tolos.”

(B) “A religião é o ópio do povo.”

(C) “Pelo riso, corrigem-se os costumes.”

(D) “De boas intenções, o inferno está cheio.”

(E) “O homem é o único animal que ri dos outros.”

RESPOSTA C

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

A velha máxima latina – “Ridendo castigat mores” – é exemplar do teatro vicentino e, em particular, da crítica presente no “Auto da Barca do Inferno”.

Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder às questões 12 e 13.

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

(Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 1996.)

O tom predominante no soneto é de

- (A) resignação.
- (B) nostalgia.
- (C) apatia.
- (D) ingenuidade.
- (E) inquietude.

RESPOSTA E

O eu lírico se compara à “avezinha” (objeto do tormento imposto pelo tal “menino” na brincadeira infantil). “Lise”, por sua vez, tem suas ações comparadas à arbitrariedade do menino, de modo que a inquietude sentida pelo animal é análoga à “ânsia” do eu poemático. Mais infeliz, no entanto, é o eu lírico: falta à ave a “razão” que sublinha ainda mais o sofrimento humano.

Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder às questões 12 e 13.

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

(Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 1996.)

No soneto, o menino e a avezinha, mencionados na primeira estrofe, são comparados, respectivamente,

- (A) ao eu lírico e a Lise.
- (B) a Lise e ao eu lírico.
- (C) ao desatino e ao eu lírico.
- (D) ao desatino e à liberdade.
- (E) a Lise e à liberdade.

RESPOSTA B

A analogia proposta pelo poeta sugere que Lise, para o eu lírico, é sádica como a criança que brinca com a avezinha.

Os parnasianos brasileiros se distinguem dos românticos pela atenuação da subjetividade e do sentimentalismo, pela ausência quase completa de interesse político no contexto da obra e pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

A referida “atenuação da subjetividade e do sentimentalismo” está bem exemplificada na seguinte estrofe do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1859-1937):

(A) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

(B) Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.

(C) Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

(D) Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde. –

(E) Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

RESPOSTA B

As demais alternativas têm claras marcas da primeira pessoa do singular: (a) "meu peito"; (c) "Eu", "meus"; (d) "chorei", "meu"; (e) "Eu". Acrescente-se que o descritivismo predomina nos versos apresentados em B.

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder às questões de 15 a 17.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

O modo de organização do discurso predominante no excerto é:

- (A) a dissertação argumentativa.
- (B) a narração.
- (C) a descrição objetiva.
- (D) a descrição subjetiva.
- (E) a dissertação expositiva.

RESPOSTA A

O primeiro parágrafo do texto apresenta recomendações frequentemente ouvidas e lidas por quem vive nas grandes cidades. O segundo parágrafo estabelece interlocução com o leitor a fim de sustentar sua tese: "o sentimento de insegurança tomou os habitantes das cidades". O último parágrafo é finalizado com uma série de perguntas retóricas que reforçam esse ponto de vista.

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder às questões de 15 a 17.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

O trecho “As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe.” (2o parágrafo) foi construído na voz passiva. Ao se adaptar tal trecho para a voz ativa, a locução verbal “foram substituídas” assume a seguinte forma:

- (A) substitui.
- (B) substituíram.
- (C) substituiriam.
- (D) substituiu.
- (E) substituem.

RESPOSTA B

Considerando o trecho “As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe”, observa-se que o agente da passiva é plural, portanto, para a substituição proposta pelo enunciado da questão, o verbo deveria estar no plural.

As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de Negação são:

- (A) “desvirtua” e “transforma”.
- (B) “evite” e “isolamento”.
- (C) “desfigura” e “ameaça”.
- (D) “desconhecido” e “insegurança”.
- (E) “subverte” e “dilacera”.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

De todas as alternativas, a D é a única em que as duas palavras apresentam prefixo de valor negativo: “desconhecido” (des: não) e “insegurança” (in: não, ausência de).

Trata-se de uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência, ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo fatalismo trágico e por uma visão romântica da natureza. Seu autor recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopeia, para compreender o horror da guerra e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular.

(Roberto Ventura. "Introdução". In: Silviano Santiago (org.). *Intérpretes do Brasil*, vol 1, 2000. Adaptado.)

Tal comentário crítico aplica-se à obra

- (A) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- (B) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (C) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- (D) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (E) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

RESPOSTA D

O trecho da crítica literária de Roberto Ventura se aplica, eficientemente, à obra "Os Sertões", de Euclides da Cunha, que apresenta um hibridismo de literatura, história e ciência.

Carpe diem: Esse conhecido lema, extraído das *Odes* do poeta latino Horácio (65 a.C.- 8 a.C.), sintetiza expressivamente o seguinte motivo: saber aproveitar tudo o que se apresenta de positivo (mesmo que pouco) e transitório.

(Renzo Tosi. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*, 2010. Adaptado.)

Das estrofes extraídas da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935), aquela em que tal motivo se manifesta mais explicitamente é:

- (A) Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.
- (B) Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.
- (C) Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.
- (D) Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
- (E) Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.

O trecho da alternativa D é o que mais se aplica ao lema do “carpe diem”; trechos como “tão cedo passa tudo quanto passa”, “Circunda-te de rosas, ama, bebe. E cala. O mais é nada” são passagens comprobatórias.

O quadro não se presta a uma leitura convencional, no sentido de esmiuçar os detalhes da composição em busca de nuances visuais. Na tela, há apenas formas brutas, essenciais, as quais remetem ao estado natural, primitivo. Os contornos inchados das plantas, os pés agigantados das figuras, o seio que atende ao inexorável apelo da gravidade: tudo é raiz. O embasamento que vem do fundo, do passado, daquilo que vegeta no substrato do ser. As cabecinhas, sem faces, servem apenas de contraponto. Estes não são seres pensantes, produtos da cultura e do refinamento. Tampouco são construídos; antes nascem, brotam como plantas, sorvendo a energia vital do sol de limão. À palheta nacionalista de verde planta, amarelo sol e azul e branco céu, a pintora acrescenta o ocre avermelhado de uma pele que mais parece argila. A mensagem é clara: essa é nossa essência brasileira – sol, terra, vegetação. É isto que somos, em cores vivas e sem a intervenção erudita das fórmulas pictóricas tradicionais.

(Rafael Cardoso. *A arte brasileira em 25 quadros*, 2008. Adaptado.)

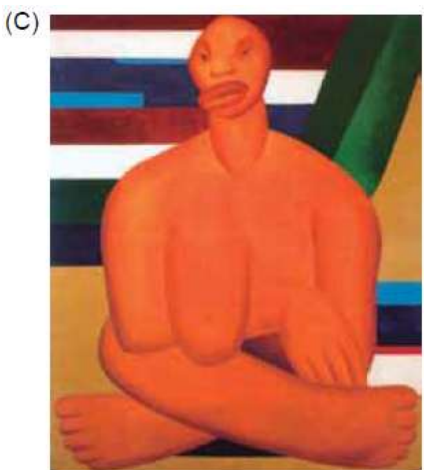
Tal comentário aplica-se à seguinte obra de Tarsila do Amaral (1886-1973):



(*Antropofagia*, 1929.)



(*Abaporu*, 1928.)



(*A negra*, 1923.)



(Sol poente, 1929.)



(São Paulo, 1924.)

RESPOSTA A

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

O comentário de Rafael Cardoso se aplica à obra “Antropofagia” de Tarsila do Amaral. O trecho final “A mensagem é clara: essa é nossa essência brasileira – sol, terra, vegetação. É isto que somos, em cores vivas e sem a intervenção erudita das fórmulas pictóricas tradicionais” pode ser considerado uma espécie de “tradução”, em palavras, da obra da pintora.

Examine a tira e o texto, para responder às questões de 21 a 23.

"A study from Brigham Young University reported that teenagers 23 sleep seven hours, compared to nine hours of sleep, perform better academically. This study contradicts federal guidelines, stating teenagers should sleep as much as they need to." - THESTATECOLUMN.COM

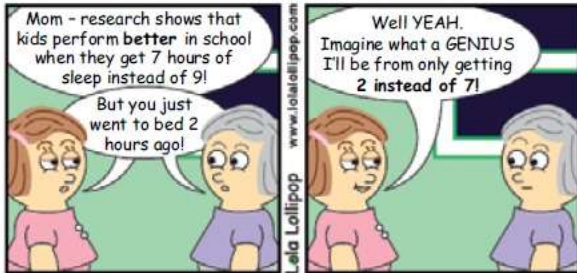
According to the cartoon, Lola

- (A) has already slept for seven hours.
- (B) will sleep until 7 am.
- (C) is planning to go to bed at midnight.
- (D) used to sleep for nine hours.
- (E) went to sleep at 10 pm.

RESPOSTA E

No 1º Quadrinho, a mãe de Lola diz que são meia-noite. Já no 2º Quadrinho, a mãe responde à Lola dizendo que ela foi dormir duas horas atrás. Se ela foi dormir duas horas atrás, então Lola foi dormir às 22h00 (10p.m)

Examine a tira e o texto, para responder às questões de 21 a 23.



"A study from Brigham Young University reported that teenagers 23 sleep seven hours, compared to nine hours of sleep, perform better academically. This study contradicts federal guidelines, stating teenagers should sleep as much as they need to." - THESTATECOLUMN.COM

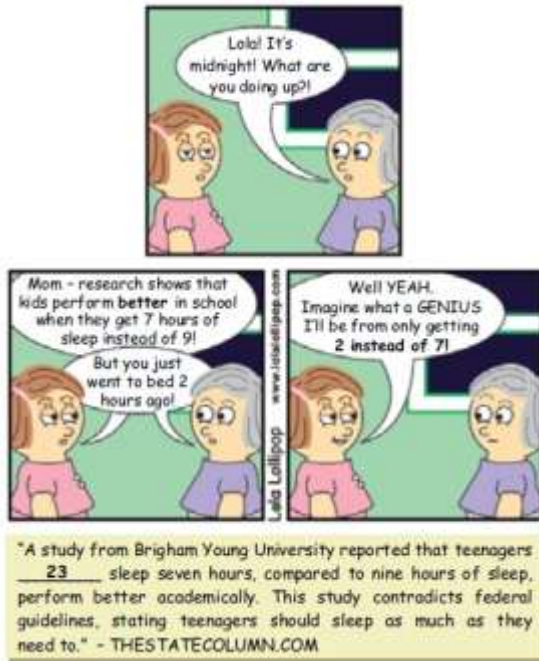
Lola thinks that

- (A) she is a genius.
- (B) it is wise to go to bed no later than midnight.
- (C) the less she sleeps, the more intelligent she'll become.
- (D) she'll please her mother if she gets better grades.
- (E) her mom wants her to sleep for at least nine hours.

RESPOSTA C

Podemos encontrar a resposta na fala de Lola no segundo quadrinho quando a mesma diz que "pesquisas mostram que crianças funcionam melhor na escola quando elas dormem 7 horas ao invés de 9". Confirmamos a resposta no último quadrinho quando ela reforça: "Imagine que gênio eu seria dormindo 2 horas ao invés de 7."

Examine a tira e o texto, para responder às questões de 21 a 23



Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna numerada no texto.

- (A) which.
- (B) when.
- (C) while.
- (D) whoever.
- (E) who.

RESPOSTA E

Usamos o pronome relativo *Who* pois é o pronome que refere-se à pessoas. Nessa caso a "teenagers" quer dizer adolescentes.

Leia o texto para responder às questões de 24 a 29

Question: Is there anything I can do to train my body to need less sleep?

Karen Weintraub
June 17, 2016



Many people think they can teach themselves to need less sleep, but they're wrong, said Dr. Sigrid Veasey, a professor at the Center for Sleep and Circadian Neurobiology at the University of Pennsylvania's Perelman School of Medicine. We might feel that we're getting by fine on less sleep, but we're deluding ourselves, Dr. Veasey said, largely because lack of sleep skews our self-awareness. "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception," she said.

Multiple studies have shown that people don't functionally adapt to less sleep than their bodies need. There is a range of normal sleep times, with most healthy adults naturally needing seven to nine hours of sleep per night, according to the National Sleep Foundation. Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours, and school-age children nine to 11 hours. People's performance continues to be poor while they are sleep deprived, Dr. Veasey said.

Health issues like pain, sleep apnea or autoimmune disease can increase people's need for sleep, said Andrea Meredith, a neuroscientist at the University of Maryland School of Medicine. A misalignment of the clock that governs our sleep-wake cycle can also drive up the need for sleep, Dr. Meredith said. The brain's clock can get misaligned by being stimulated at the wrong time of day, she said, such as from caffeine in the afternoon or evening, digital screen use too close to bedtime, or even exercise at a time of day when the body wants to be winding down.

(<http://well.blogs.nytimes.com>. Adaptado.)

No primeiro parágrafo, a resposta da Dra. Sigrid Veasey à questão "Is there anything I can do to train my body to need less sleep?" indica que

- (A) é incorreto pensar que seja possível aprender a dormir menos que o necessário.
- (B) leva um longo tempo para o corpo se acostumar com menos horas de sono.
- (C) a maioria das pessoas não percebe a sua real necessidade de descanso.
- (D) é ilusório pensar que dormir em demasia melhora o rendimento quando se está acordado.
- (E) algumas pessoas conseguem dormir cada vez menos sem prejuízo à saúde.

RESPOSTA A

A tradução da questão é "existe algo que eu possa fazer para que meu corpo necessite de menos tempo para dormir?"

No primeiro parágrafo a Dra. Sigrid Veasey responde que "muitas pessoas pensam que eles podem aprender por si próprios a necessidade de dormir menos. Mas eles estão errados!"

Leia o texto para responder às questões de 24 a 29.

Question: Is there anything I can do to train my body to need less sleep?

Karen Weintraub
June 17, 2016



Many people think they can teach themselves to need less sleep, but they're wrong, said Dr. Sigrid Veasey, a professor at the Center for Sleep and Circadian Neurobiology at the University of Pennsylvania's Perelman School of Medicine. We might feel that we're getting by fine on less sleep, but we're deluding ourselves, Dr. Veasey said, largely because lack of sleep skews our self-awareness. "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception," she said.

Multiple studies have shown that people don't functionally adapt to less sleep than their bodies need. There is a range of normal sleep times, with most healthy adults naturally needing seven to nine hours of sleep per night, according to the National Sleep Foundation. Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours, and school-age children nine to 11 hours. People's performance continues to be poor while they are sleep deprived, Dr. Veasey said.

Health issues like pain, sleep apnea or autoimmune disease can increase people's need for sleep, said Andrea Meredith, a neuroscientist at the University of Maryland School of Medicine. A misalignment of the clock that governs our sleep-wake cycle can also drive up the need for sleep, Dr. Meredith said. The brain's clock can get misaligned by being stimulated at the wrong time of day, she said, such as from caffeine in the afternoon or evening, digital screen use too close to bedtime, or even exercise at a time of day when the body wants to be winding down.

(<http://well.blogs.nytimes.com>. Adaptado.)

No trecho do primeiro parágrafo "We might feel that we're getting by fine on less sleep", o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- (A) could.
- (B) ought to.
- (C) will.
- (D) should.
- (E) has to.

RESPOSTA A

O verbo modal *might* nessa frase está funcionando como uma ação que dá possibilidade, nos dando a ideia de que algo pode acontecer ou não. Das alternativas, o único verbo modal que passa essa ideia é *could*.

Leia o texto para responder às questões de 24 a 29.

Question: Is there anything I can do to train my body to need less sleep?

Karen Weintraub
June 17, 2016



Many people think they can teach themselves to need less sleep, but they're wrong, said Dr. Sigrid Veasey, a professor at the Center for Sleep and Circadian Neurobiology at the University of Pennsylvania's Perelman School of Medicine. We might feel that we're getting by fine on less sleep, but we're deluding ourselves, Dr. Veasey said, largely because lack of sleep skews our self-awareness. "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception," she said.

Multiple studies have shown that people don't functionally adapt to less sleep than their bodies need. There is a range of normal sleep times, with most healthy adults naturally needing seven to nine hours of sleep per night, according to the National Sleep Foundation. Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours, and school-age children nine to 11 hours. People's performance continues to be poor while they are sleep deprived, Dr. Veasey said.

Health issues like pain, sleep apnea or autoimmune disease can increase people's need for sleep, said Andrea Meredith, a neuroscientist at the University of Maryland School of Medicine. A misalignment of the clock that governs our sleep-wake cycle can also drive up the need for sleep, Dr. Meredith said. The brain's clock can get misaligned by being stimulated at the wrong time of day, she said, such as from caffeine in the afternoon or evening, digital screen use too close to bedtime, or even exercise at a time of day when the body wants to be winding down.

(<http://well.blogs.nytimes.com>. Adaptado.)

No trecho do primeiro parágrafo "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception", os termos em destaque indicam

- (A) finalidade.
- (B) preferência.
- (C) proporcionalidade.
- (D) exclusão.
- (E) substituição

RESPOSTA C

Se traduzirmos as expressões em negrito "*The more*" and "*the less*" (quanto mais; quanto menos), já nos dá a ideia de proporção.

"Quanto mais você privar a si mesmo de dormir por longos períodos de tempo, menos você está apto para julgar a sua própria percepção de dormir".

Leia o texto para responder às questões de 24 a 29.

Question: Is there anything I can do to train my body to need less sleep?

Karen Weintraub
June 17, 2016



Many people think they can teach themselves to need less sleep, but they're wrong, said Dr. Sigrid Veasey, a professor at the Center for Sleep and Circadian Neurobiology at the University of Pennsylvania's Perelman School of Medicine. We might feel that we're getting by fine on less sleep, but we're deluding ourselves, Dr. Veasey said, largely because lack of sleep skews our self-awareness. "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception," she said.

Multiple studies have shown that people don't functionally adapt to less sleep than their bodies need. There is a range of normal sleep times, with most healthy adults naturally needing seven to nine hours of sleep per night, according to the National Sleep Foundation. Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours, and school-age children nine to 11 hours. People's performance continues to be poor while they are sleep deprived, Dr. Veasey said.

Health issues like pain, sleep apnea or autoimmune disease can increase people's need for sleep, said Andrea Meredith, a neuroscientist at the University of Maryland School of Medicine. A misalignment of the clock that governs our sleep-wake cycle can also drive up the need for sleep, Dr. Meredith said. The brain's clock can get misaligned by being stimulated at the wrong time of day, she said, such as from caffeine in the afternoon or evening, digital screen use too close to bedtime, or even exercise at a time of day when the body wants to be winding down.

(<http://well.blogs.nytimes.com>. Adaptado.)

According to the information presented in the second paragraph, one can say that

- (A) most people, no matter their age, sleep from seven to nine hours.
- (B) people need less sleep as they age.
- (C) teenagers belong to the age group that needs more sleep.
- (D) elderly people should sleep more than they actually do.
- (E) an average of seven hours sleep is enough.

RESPOSTA B

O segundo parágrafo diz que um fator para que uma pessoa durma "mais ou menos", é o fator idade (age).

Leia o texto para responder às questões de 24 a 29.

Question: Is there anything I can do to train my body to need less sleep?

Karen Weintraut
June 17, 2016



Many people think they can teach themselves to need less sleep, but they're wrong, said Dr. Sigrid Veasey, a professor at the Center for Sleep and Circadian Neurobiology at the University of Pennsylvania's Perelman School of Medicine. We might feel that we're getting by fine on less sleep, but we're deluding ourselves, Dr. Veasey said, largely because lack of sleep skews our self-awareness. "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception," she said.

Multiple studies have shown that people don't functionally adapt to less sleep than their bodies need. There is a range of normal sleep times, with most healthy adults naturally needing seven to nine hours of sleep per night, according to the National Sleep Foundation. Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours, and school-age children nine to 11 hours. People's performance continues to be poor while they are sleep deprived, Dr. Veasey said.

Health issues like pain, sleep apnea or autoimmune disease can increase people's need for sleep, said Andrea Meredith, a neuroscientist at the University of Maryland School of Medicine. A misalignment of the clock that governs our sleep-wake cycle can also drive up the need for sleep, Dr. Meredith said. The brain's clock can get misaligned by being stimulated at the wrong time of day, she said, such as from caffeine in the afternoon or evening, digital screen use too close to bedtime, or even exercise at a time of day when the body wants to be winding down.

(<http://well.blogs.nytimes.com>. Adaptado.)

No trecho do segundo parágrafo "Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours", o termo em destaque tem sentido de

- (A) durante.
- (B) como.
- (C) ao longo de.
- (D) já que.
- (E) enquanto.

RESPOSTA E

Tradução: "Aqueles acima de 65 anos precisam de aproximadamente de 7 a 8 horas, em média, **enquanto** adolescentes precisam de 8 a 10 horas".

Leia o texto para responder às questões de 24 a 29.

Question: Is there anything I can do to train my body to need less sleep?

Karen Weintraub
June 17, 2016



Many people think they can teach themselves to need less sleep, but they're wrong, said Dr. Sigrid Veasey, a professor at the Center for Sleep and Circadian Neurobiology at the University of Pennsylvania's Perelman School of Medicine. We might feel that we're getting by fine on less sleep, but we're deluding ourselves, Dr. Veasey said, largely because lack of sleep skews our self-awareness. "The more you deprive yourself of sleep over long periods of time, the less accurate you are of judging your own sleep perception," she said.

Multiple studies have shown that people don't functionally adapt to less sleep than their bodies need. There is a range of normal sleep times, with most healthy adults naturally needing seven to nine hours of sleep per night, according to the National Sleep Foundation. Those over 65 need about seven to eight hours, on average, while teenagers need eight to 10 hours, and school-age children nine to 11 hours. People's performance continues to be poor while they are sleep deprived, Dr. Veasey said.

Health issues like pain, sleep apnea or autoimmune disease can increase people's need for sleep, said Andrea Meredith, a neuroscientist at the University of Maryland School of Medicine. A misalignment of the clock that governs our sleep-wake cycle can also drive up the need for sleep, Dr. Meredith said. The brain's clock can get misaligned by being stimulated at the wrong time of day, she said, such as from caffeine in the afternoon or evening, digital screen use too close to bedtime, or even exercise at a time of day when the body wants to be winding down.



(<http://well.blogs.nytimes.com>. Adaptado.)

De acordo com o terceiro parágrafo, o relógio cerebral que regula o ciclo de sono e de vigília pode ficar alterado devido

- (A) ao barulho de televisão na hora de dormir.
- (B) a algumas doenças crônicas.
- (C) ao excesso de ingestão de cafeína ao longo do dia.
- (D) a estímulos em horários inadequados.
- (E) à falta de exercícios físicos.

A resposta está entre a 6ª e 10ª linha do 3º parágrafo: “o relógio cerebral pode ficar alterado por ser estimulado na hora errada do dia, ela diz, como por exemplo, desde a ingestão de cafeína a tarde e à noite, telas digitais e até mesmo exercícios na hora do dia quando o corpo está relaxando”.

Observe o cartum.

 Reasons to sleep through your alarm	 Reasons not to sleep through your alarm
1. I was having a really good dream.	1. I don't want to be late for work.
2. Still so sleepy!	
3. It's not even daylight yet.	
4. _____	
5. I've just got comfortable.	
6. It's cold out there but warm in bed.	

(www.systemcomic.com. Adaptado.)

A alternativa que completa corretamente a lacuna do número 4 do cartum, sem prejuízo de sentido, é

- (A) It's too hot in here.
- (B) I don't want to be tired all day.
- (C) Otherwise, I'll miss the bus.
- (D) I'm quite hungry.
- (E) Breakfast smells good.

RESPOSTA B

A coluna que deve ser completada é a coluna onde mostra as razões de dormir do início ao fim do seu horário do alarme: 1 - "eu estava tendo bom sonho". 2 - "continuava dormir". 3 - "não está claro ainda". 4 - "**eu não quero estar cansado o dia todo**". 5 - "eu já fiquei confortável". 6 - "está frio lá fora mas quente na cama".

Apesar de sua dispersão geográfica e de sua fragmentação política, os Gregos tinham uma profunda consciência de pertencer a uma só e mesma cultura. Esse fenômeno é tão mais extraordinário, considerando-se a ausência de qualquer autoridade central política ou religiosa e o livre espírito de invenção de uma determinada comunidade para resolver os diversos problemas políticos ou culturais que se colocavam para ela.

(Moses I. Finley. *Os primeiros tempos da Grécia*, 1998. Adaptado.)

O excerto refere-se ao seguinte aspecto essencial da história grega da Antiguidade:

- (A) a predominância da reflexão política sobre o desenvolvimento das belas-artes.
- (B) a fragilidade militar de populações isoladas em pequenas unidades políticas.
- (C) a vinculação do nascimento da filosofia com a constituição de governos tirânicos.
- (D) a existência de cidades-estados conjugada a padrões civilizatórios de unificação.
- (E) a igualdade social sustentada pela exploração econômica de colônias estrangeiras.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

A questão aborda a um tema clássico do mundo heleno. Apesar da fragmentação política e territorial em diversas pólis, os gregos mantiveram uma certa unidade cultural. A língua, a mitologia, a filosofia e outros aspectos aproximavam os helenos, como fica evidente na interpretação do texto.

A Igreja foi responsável direta por mais uma transformação, formidável e silenciosa, nos últimos séculos do Império: a vulgarização da cultura clássica. Essa façanha fundamental da Igreja nascente indica seu verdadeiro lugar e função na passagem para o Feudalismo. A condição de existência da civilização da Antiguidade em meio aos séculos caóticos da Idade Média foi o caráter de resistência da Igreja. Ela foi a ponte entre duas épocas. (Perry Anderson. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*, 2016. Adaptado.)

O excerto permite afirmar corretamente que a Igreja cristã

- (A) tornou-se uma instituição do Império Romano e sobreviveu à sua derrocada quando da invasão dos bárbaros germânicos.
- (B) limitou suas atividades à esfera cultural e evitou participar das lutas políticas durante o Feudalismo.
- (C) manteve-se fiel aos ensinamentos bíblicos e proibiu representações de imagens religiosas na Idade Média.
- (D) reconheceu a importância da liberdade religiosa na Europa Ocidental e combateu a teocracia imperial.
- (E) combateu o universo religioso do Feudalismo e propagou, em meio aos povos sem escrita, o paganismo greco-romano.

RESPOSTA A

O texto da questão destaca o papel fundamental que a Igreja Cristã exerceu entre a derrocada do Império Romano e o nascimento do mundo medieval. Criada pelos imperadores romanos, ela sobreviveu à ruína do Estado imperial, ocupando o lugar deste como principal fonte de poder e ordem. Em paralelo ao seu papel político, coube à ela manter em seus mosteiros e através de suas ordens monásticas o legado cultural da Antiguidade, preservando valiosas obras filosóficas e educando os filhos da nobreza, ainda que submetidos ao obscurantismo religioso. É necessário ressaltar que pelo filtro da visão católica de sociedade, constituíram-se os estamentos medievais e determinou-se a função de cada um de seus membros dentro da cristandade.



(Andrea Mantegna. *Lamentação sobre o Cristo morto*, 1480. Pinacoteca de Brera, Milão.)

A pintura representa no martírio de Cristo os seguintes princípios culturais do Renascimento italiano:

- (A) a imitação das formas artísticas medievais e a ênfase na natureza espiritual de Cristo.
- (B) a preocupação intensa com a forma artística e a ausência de significado religioso do quadro.
- (C) a disposição da figura de Cristo em perspectiva geométrica e o conteúdo realista da composição.
- (D) a gama variada de cores luminosas e a concepção otimista de uma humanidade sem pecado.
- (E) a idealização do corpo do Salvador e a noção de uma divindade desvinculada dos dramas humanos.

RESPOSTA C

A pintura é um dos quadros clássicos do Renascimento Cultural italiano do período conhecido como Quinquecento, marcado por uma inegável evolução técnica que permitiu aos artistas retratar diferentes cenas de forma bastante realista. A observação do corpo de Cristo deitado sobre a pedra destaca a perfeição com que a os membros expostos do corpo, a face sem vida e a lamúria dos que o observam consegue ser captada com extremo realismo. A utilização do sombreamento e a clara oposição entre fundo escuro e a imagem do corpo em primeiro plano aproxima a figura de Cristo quase à perfeição de uma fotografia. Por fim, como todas as obras do Renascimento, percebe-se no quadro um ponto de fuga, para o qual convergem as linhas do quadro (laterais da cama, tronco do cadáver) findando na face de Cristo. Esta é a perspectiva geométrica que contribui para dar ao observador uma sensação de profundidade no quadro.

Em meados do século o negócio dos metais não ocuparia senão o terço, ou bem menos, da população. O grosso dessa gente compõe-se de mercadores de tenda aberta, oficiais dos mais variados ofícios, boticários, prestamistas, estalajadeiros, aberneiros, advogados, médicos, cirurgiões-barbeiros, burocratas, clérigos, mestres-escolas, tropeiros, soldados da milícia ga. Sem falar nos escravos, cujo total, segundo os documentos da época, ascendia a mais de cem mil. A necessidade de abastecer-se toda essa gente provocava a formação de grandes currais; a própria lavoura ganhava alento novo.

(Sérgio Buarque de Holanda. "Metais e pedras preciosas". *História geral da civilização brasileira*, vol 2, 1960. Adaptado.)

De acordo com o excerto, é correto concluir que a extração de metais preciosos em Minas Gerais no século XVIII

- (A) impediu o domínio do governo metropolitano nas áreas de extração e favoreceu a independência colonial.
- (B) bloqueou a possibilidade de ascensão social na colônia e forçou a alta dos preços dos instrumentos de mineração.
- (C) provocou um processo de urbanização e articulou a economia colonial em torno da mineração.
- (D) extinguiu a economia colonial agroexportadora e incorporou a população litorânea economicamente ativa.
- (E) restringiu a divisão da sociedade em senhores e escravos e limitou a diversidade cultural da colônia.

RESPOSTA C

O vestibulando deveria utilizar o texto para a resolução desta questão. Ele aborda o crescimento do mercado interno colonial durante o século XVIII, algo relacionado com a riqueza proporcionada pela extração de metais preciosos na região de Minas Gerais. Essa riqueza gerou o aparecimento de um setor médio da população, que não estava diretamente ligado a extração aurífera, mas sim ao capital gerado por ela. Desse modo, surgiram variadas novas atividades profissionais, o que, de certa forma, estimulou o aumento da urbanização.

No movimento de Independência atuam duas tendências opostas: uma, de origem europeia, liberal e utópica, que concebe a América espanhola como um todo unitário, assembleia de nações livres; outra, tradicional, que rompe laços com a Metrópole somente para acelerar o processo de dispersão do Império.

(Octavio Paz. *O labirinto da solidão*, 1999. Adaptado.)

O texto refere-se às concepções em disputa no processo de Independência da América Latina. Tendo em vista a situação política das nações latino-americanas no século XIX, é correto concluir que

- (A) os Estados independentes substituíram as rivalidades pela mútua cooperação.
- (B) os países libertos formaram regimes constitucionais estáveis.
- (C) as antigas metrópoles ibéricas continuavam governando os territórios americanos.
- (D) o conteúdo filosófico das independências sobrepôs-se aos interesses oligárquicos.
- (E) as classes dirigentes nativas foram herdeiras da antiga ordem colonial.

RESPOSTA E

Os movimentos de independência na América Latina tiveram como características os embates de diferentes projetos políticos, o primeiro projeto concebia a América como um todo e que não deveria se fragmentar, o líder desse plano era Simón Bolívar, militar liberal que concebia a América espanhola tendo um passado em comum e permanecendo com elementos de identidade, como língua e religião. Já o segundo projeto buscava romper com a metrópole e mergulhar o continente em um processo de fragmentação, destaca-se nesse contexto a figura dos caudilhos, latifundiários ou militares que exercem sua influência sobre as localidades. As classes dirigentes locais se aproveitaram da divisão existente, herdando a estrutura política, assim a América se fragmentou e passou a ser governada pela elite local

A expansão territorial dos Estados Unidos, no século XIX, foi o resultado da compra da Luisiana francesa pelo governo central, da anexação de territórios mexicanos, da distribuição de pequenos lotes de terra para colonos pioneiros, da expansão das redes de estradas de ferro, assim como da anexação de terras indígenas. Esse processo expansionista foi ideologicamente justificado pela doutrina do Destino Manifesto, segundo a qual

- (A) o direito pertence aos povos mais democráticos e laboriosos.
- (B) o mundo deve ser transformado para o engrandecimento da humanidade.
- (C) o povo americano deve garantir a sobrevivência econômica das sociedades pagãs.
- (D) as terras pertencem aos seus descobridores e primeiros ocupantes.
- (E) a nação deve conquistar o continente que a Providência lhe reservou.

A expansão americana, também chamada comumente de “Marcha para o Oeste”, assentou-se sobre dois pilares fundamentais: a Doutrina Monroe e o Destino Manifesto. Enquanto a primeira afirmava que interesses externos ao continente não deveriam mais interferir no destino das nações que se formavam no continente americano, o Destino Manifesto providencia uma justificativa religiosa para o ímpeto imperialista estadunidense. Nascida em jornais do século XIX, a doutrina do Destino Manifesto afirmava que a Providência divina concedera aos estadunidenses a missão de espalhar a fé e a liberdade por todas as terras da América do Norte, como se a conquista daquelas terras já estivesse destinada a eles desde o início. Nativos, mexicanos e outros colonizadores seriam, dentro deste plano, meros obstáculos a serem superados para a execução da vontade divina.

Art. 3o O governo paraguaio se reconhece obrigado à celebração do Tratado da Tríplice Aliança de 1o de maio de 1865, entendendo-se estabelecido desde já que a navegação do Alto Paraná e do Rio Paraguai nas águas territoriais da república deste nome fica franqueada aos navios de guerra e mercantes das nações aliadas, livres de todo e qualquer ônus, e sem que se possa impedir ou estorvar-se de nenhum modo a liberdade dessa navegação comum.

(“Acordo Preliminar de Paz Celebrado entre Brasil, Argentina e Uruguai com o Paraguai (20 junho 1870)”. In: Paulo Bonavides e Roberto Amaral (orgs.). *Textos políticos da história do Brasil*, 2002. Adaptado.)

O tratado de paz imposto pelos países vencedores da guerra contra o Paraguai deixa transparente um dos motivos da participação do Estado brasileiro no conflito:

- (A) o domínio de jazidas de ouro e prata descobertas nas províncias centrais.
- (B) o esforço em manter os acordos comerciais celebrados pelas metrópoles ibéricas.
- (C) a garantia de livre trânsito nas vias de acesso a províncias do interior do país.
- (D) o projeto governamental de proteger a nação com fronteiras naturais.
- (E) o monopólio governamental do transporte de mercadorias a longa distância.

RESPOSTA C

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

A Guerra do Paraguai (1864-1870) teve como principais motivos a livre-circulação na bacia platina e a consolidação dos estados nacionais. O excerto refere-se ao tratado de paz que garantiu aos países aliados a livre-circulação de produtos sem o pagamento de impostos, pois anteriormente o Paraguai desejava monopolizar alguns rios que compunham a bacia platina, para dificultar as transações econômicas dos países vizinhos, ameaçando a hegemonia brasileira no continente.

Leia o texto para responder às questões 38 e 39.

A industrialização contemporânea requer investimentos vultosos. No Brasil, esses investimentos não podiam ser feitos pelo setor privado, devido à escassez de capital que caracteriza as nações em desenvolvimento. Além disso, o crescimento econômico do Brasil, um recém chegado ao processo de modernização, processou-se em condições socioeconômicas diferentes. Um efeito internacional de demonstração, na forma de imitação de padrões de vida, entre países ricos e pobres, e entre classes ricas e pobres dentro das nações, resultou em pressões significativas sobre as taxas de crescimento para diminuir a diferença entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Em vista das aspirações de melhores padrões de vida, o governo desempenhou um papel importante no crescimento econômico recente do Brasil.

(Carlos Manuel Peláez e Wilson Suzigan. História monetária do Brasil, 1981. Adaptado.)

De acordo com o texto, uma das particularidades do processo de industrialização brasileira é

- (A) o controle das matérias-primas industriais pelas nações imperialistas do planeta.
- (B) a escassez de mão de obra devido à sobrevivência da pequena propriedade rural.
- (C) o domínio da política por setores sociais ligados aos padrões da economia colonial.
- (D) a emergência da industrialização em meio a economias internacionais já industrializadas.
- (E) a existência prévia de um amplo mercado consumidor de produtos de luxo.

RESPOSTA D

A questão exigiu do vestibulando um conhecimento básico do processo de industrialização brasileira. No caso, a interpretação do texto deixava claro o atraso brasileiro em relação aos países desenvolvidos. Esse atraso gerou um fenômeno interessante nas décadas de 1950 e 1960: uma tentativa de imitar os países desenvolvidos, algo comprovado pela grande influência do *american way of life* estadunidense. O estímulo ao consumo, a entrada de produtos importados e da própria indústria cultural comprovam esse fenômeno.

Leia o texto para responder às questões 38 e 39.

A industrialização contemporânea requer investimentos vultosos. No Brasil, esses investimentos não podiam ser feitos pelo setor privado, devido à escassez de capital que caracteriza as nações em desenvolvimento. Além disso, o crescimento econômico do Brasil, um recém chegado ao processo de modernização, processou-se em condições socioeconômicas diferentes. Um efeito internacional de demonstração, na forma de imitação de padrões de vida, entre países ricos e pobres, e entre classes ricas e pobres dentro das nações, resultou em pressões significativas sobre as taxas de crescimento para diminuir a diferença entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Em vista das aspirações de melhores padrões de vida, o governo desempenhou um papel importante no crescimento econômico recente do Brasil.

(Carlos Manuel Peláez e Wilson Suzigan. História monetária do Brasil, 1981. Adaptado.)

Os impasses do desenvolvimento industrial brasileiro, apontados pelo texto, foram enfrentados no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) com o Plano de Metas, cujo objetivo era promover a industrialização por meio

- (A) da associação de esforços econômicos entre o Estado, o capital estrangeiro e as empresas nacionais.
- (B) da valorização da moeda nacional, da estatização de fábricas falidas e da contenção de salários.
- (C) da criação de indústrias têxteis estatais e do aumento de impostos sobre o grande capital nacional.
- (D) do emprego de empresas multinacionais submetidas à severa lei da remessa de lucros, juros e dividendos para o exterior.
- (E) do combate à seca no Nordeste e do aumento do salário mínimo, com controle da inflação.


RESPOSTA A

Para responder essa questão, o vestibulando deveria ter uma noção básica das diretrizes norteadoras do Plano de Metas, de Juscelino Kubitschek. Durante seu governo, que contou com o slogan “50 anos em 5” dentro do projeto nacional desenvolvimentista, JK utilizou um tripé econômico: a união entre o capital estatal, o capital privado nacional e o capital estrangeiro.

Observe o cartaz, relativo ao plebiscito realizado em janeiro de 1963.



Contra a miséria
Contra o analfabetismo
Contra a falta de terra
Contra a usurpação do seu voto

NO DIA 6 DE JANEIRO MARQUE  NÃO

(www.projetomemoria.art.br)

O cartaz alude à situação histórica brasileira marcada por

- (A) estabilidade política, crescimento da economia agroindustrial e baixas taxas de inflação.
- (B) renúncia presidencial, debates sobre sistema de governo e projetos de reforma social.
- (C) ascensão de governos conservadores, despolitização da sociedade e abolição de leis trabalhistas.
- (D) deposição do presidente da República, privatizações de empresas estatais e adoção do neoliberalismo.
- (E) autoritarismos governamentais, restrições à liberdade de expressão e cassações de mandatos de parlamentares.

RESPOSTA B

O cartaz faz alusão ao plebiscito realizado em janeiro de 1963, em que a população brasileira deveria decidir entre o modelo parlamentarista e o modelo presidencialista. O país vivia grande instabilidade política, pois o presidente eleito em 1960, Jânio Quadros, renunciou ao mandato com apenas 8 meses de governo, acarretando grave crise sobre o processo de sucessão, que culminou com a posse de João Goulart, assumindo com poderes limitados por um 1º ministro. O João Goulart conseguiu antecipar em dois anos o plebiscito que estava previsto para o final de 1965. João Goulart enfrentou grave tensão no campo, pressões para que a reforma agrária fosse levada adiante, taxas elevadas de analfabetismo e grande espiral inflacionária.



(www.contramare.net)

O artista Artur Barrio nasceu em Portugal e mudou-se para o Brasil em 1955, dedicando-se à pintura a partir de 1965. Em 1969, começa a criar as *Situações*: trabalhos de grande impacto, realizados com materiais orgânicos como lixo, papel higiênico, detritos humanos e carne putrefata, com os quais realiza intervenções no espaço urbano. No mesmo ano, escreve um manifesto no qual contesta as categorias tradicionais da arte e sua relação com o mercado, e a conjuntura histórica da América Latina. Em 1970, na mostra coletiva *Do corpo à terra*, espalha as *Troupas ensanguentadas* em um rio em Belo Horizonte.

(<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>. Adaptado.)

Relacionando-se a imagem, as informações contidas no texto e o contexto do ano da mostra coletiva *Do corpo à terra*, é correto interpretar a intervenção *Troupas ensanguentadas* como uma

- (A) denúncia da situação política e social do Brasil.
- (B) revelação da pobreza da população brasileira.
- (C) demonstração do caráter perdulário das sociedades de consumo.
- (D) crítica à falta de planejamento das cidades latino-americanas.
- (E) melhoria, por meio da arte, das áreas degradadas das cidades.

RESPOSTA A

O texto apresenta a obra do artista Artur Barrio que se destaca da arte tradicional (relegada às elites) e da arte mercadológica, buscando efetuar uma crítica social e política. O candidato deveria relacionar as informações trazidas pelo texto à situação política e social do Brasil e da América Latina, marcada pelos regimes autoritários às mortes de ativistas políticos representados pelas “trouças ensanguentadas” jogadas no rio.

Com o fim da Guerra Fria, os EUA formalizaram sua posição hegemônica. Sem concorrência e se expandindo para as antigas áreas de predomínio socialista, o capitalismo conheceu uma nova fase de expansão: tornou-se mundializado, globalizado. O processo de globalização criou uma nova divisão internacional do trabalho, baseado numa redistribuição pelo mundo de fábricas, bancos e empresas de comércio, serviços e mídias. (Loriza L. de Almeida e Maria da Graça M. Magnoni (orgs.). *Ciências humanas: filosofia, geografia, história e sociologia*, 2016. Adaptado.)

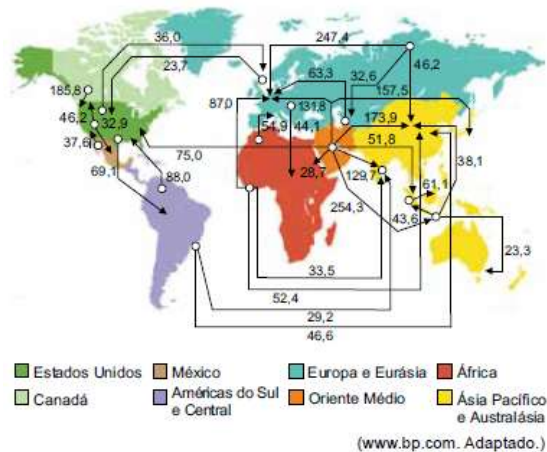
Dentre as consequências do processo de globalização, é correto citar

- (A) o nascimento do governo universal e democrático.
- (B) a pacificação das relações internacionais.
- (C) o enfraquecimento dos estados-nações.
- (D) a abolição da exploração social do trabalho.
- (E) o nivelamento econômico dos países.

RESPOSTA C

O enfraquecimento dos estados-nações é consequência da Nova Ordem Mundial, caracterizada pelo fortalecimento das grandes corporações, transnacionais, controladas majoritariamente pela iniciativa privada.

Grandes movimentos comerciais de petróleo (milhões de toneladas), 2015

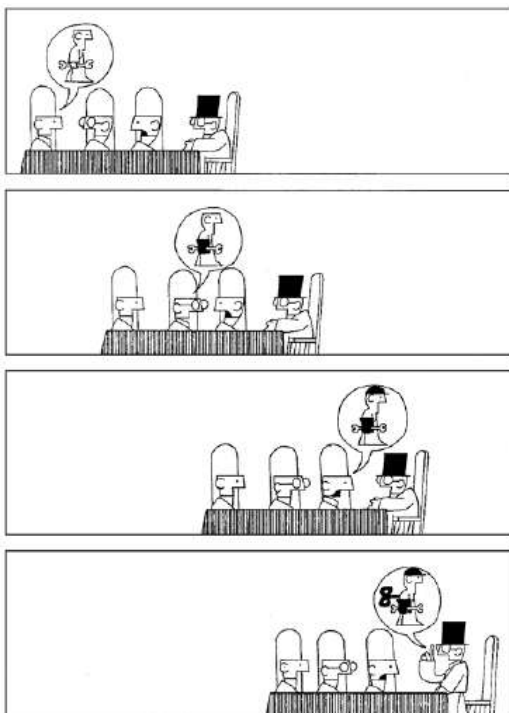


Os fluxos de importação e de exportação expressos no mapa evidenciam

- (A) a ausência de países integrantes do G4 nas importações de petróleo.
- (B) a ausência de países integrantes do G7 nas exportações de petróleo.
- (C) o predomínio dos países membros do NAFTA nas exportações de petróleo.
- (D) a ausência de países integrantes do BRICS nas importações de petróleo.
- (E) o predomínio dos países membros da OPEP nas exportações de petróleo.

RESPOSTA E

A OPEP, Organização dos Países Exportadores de Petróleo, detém o predomínio da produção e exportação do combustível fóssil, conforme observado no mapa.



(Caulos. *Só dói quando eu respiro*, 2012.)

O processo ironizado na charge, em que cada participante da reunião acrescenta um item à imagem do operário, refere-se

- (A) à tomada de decisões no âmbito coletivo, que integra os operários no planejamento fabril e valoriza o trabalho.
- (B) à alienação do trabalho, que fragmenta as etapas produtivas e controla os movimentos dos trabalhadores.
- (C) ao aumento das exigências contratuais, que elevam o desemprego estrutural e alimentam as instituições de qualificação profissional.
- (D) à substituição do trabalhador na linha de montagem, que mecaniza as fábricas e evita a especialização produtiva.
- (E) ao desenvolvimento de novas técnicas, que complexificam a produção e selecionam os profissionais com domínio global sobre o produto.

RESPOSTA B

A alienação do trabalho, característica do sistema Fordista, é o processo ironizado pela charge.

Criado em resposta às crises econômicas do final da década de 1990, o G-20 reflete o contexto de

- (A) unilateralidade da antiga ordem mundial, marcada pela supremacia britânica no Conselho de Segurança das Nações Unidas.
- (B) bipolaridade da antiga ordem mundial, caracterizada pela estabilidade financeira dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos.
- (C) multipolaridade da antiga ordem mundial, marcada pelo fortalecimento da cooperação entre blocos econômicos.
- (D) multipolaridade da nova ordem mundial, caracterizada pela diversidade de interesses das economias industrializadas e emergentes.
- (E) bipolaridade da nova ordem mundial, caracterizada pelo controle estadunidense e soviético das instituições financeiras internacionais.

RESPOSTA D

G-20, formado pelos integrantes dos G7 (países mais ricos), mais a União Europeia e os países emergentes, configura a multipolaridade da nova ordem mundial.

Alguns estudos recentes mostram que, de fato, há uma mudança ocorrendo na equação das migrações internas e na conformação das redes urbanas, com um novo papel de protagonismo regional dessas cidades médias, cuja população e PIB crescem mais do que as grandes cidades brasileiras.

(João S. W. Ferreira e Luciana Ferrara. "A formulação de uma nova matriz urbana no Brasil". In: Tarcisio Nunes *et al.* (orgs.). *Habitação social e sustentabilidade urbana*, 2015. Adaptado.)

Assinale a alternativa que indica corretamente o fenômeno urbano caracterizado no excerto.

- (A) Verticalização.
- (B) Segregação socioespacial.
- (C) Gentrificação.
- (D) Favelização.
- (E) Desmetropolização.

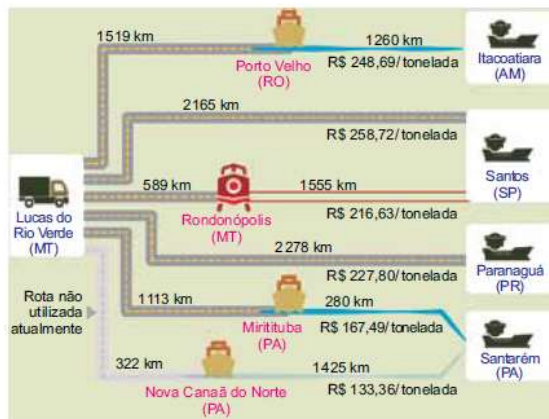
RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

No contexto de desconcentração industrial das grandes metrópoles, já saturadas e com elevados custos de produção, as cidades-satélites ganham importância no processo de desmetropolização.

Simulações de custos de transporte



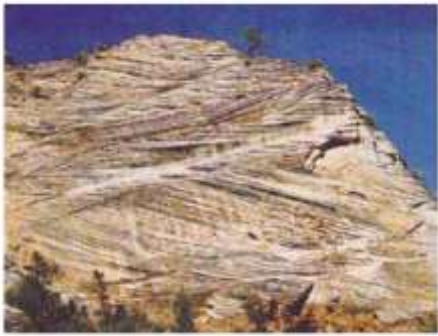
(Confederação Nacional do Transporte.
Entraves logísticos ao escoamento de soja e milho, 2015.)

Examinando a imagem e considerando as características dos meios de transporte rodoviário, ferroviário e hidroviário, é correto afirmar que

- (A) a escolha dos meios de transporte de cargas restringe-se à relação entre a capacidade e o custo do deslocamento.
- (B) a otimização do custo-benefício no transporte de cargas relaciona-se diretamente à escolha exclusiva de um tipo de modal.
- (C) a falta de flexibilidade no transporte de cargas traduz a dependência nacional por técnicas estrangeiras.
- (D) a multimodalidade no transporte de cargas mantém relação com o custo final da tonelada por quilômetro percorrido.
- (E) a escolha dos modais para o transporte de cargas obedece a determinações políticas para o estabelecimento das rotas.

RESPOSTA D

Sobretudo no comércio de commodities agrícolas, de baixo valor agregado, como exemplificado pela imagem, o custo de transporte afeta diretamente o custo final do produto de acordo com a distância percorrida e o modal disponível.



(Frank Press et al. Para entender a Terra, 2006.)

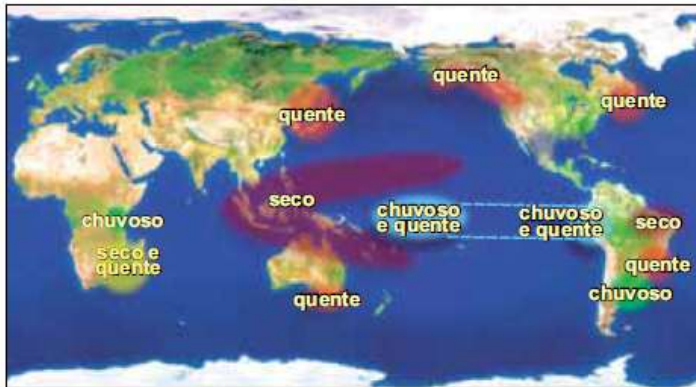
A estratificação observada na imagem constitui uma feição comum em rochas de origem

- (A) extrusiva.
- (B) sedimentar.
- (C) intrusiva.
- (D) metamórfica.
- (E) ígnea.

RESPOSTA B

Nas rochas sedimentares, formadas pela consolidação de sedimentos, o fenômeno de estratificação pode ser observado.

Efeitos do fenômeno climático em dezembro, janeiro e fevereiro



(www.cptec.inpe.br)

O mapa apresenta os efeitos do fenômeno climático de interação atmosfera-oceano denominado

- (A) El Niño, caracterizado pelo aquecimento das águas do Oceano Pacífico nas proximidades do equador.
- (B) Alísios de Nordeste, caracterizado pela atuação em escala local e em curto período de tempo sobre as águas do Oceano Pacífico.
- (C) La Niña, caracterizado pelo resfriamento das águas superficiais do Oceano Pacífico na costa peruana.
- (D) Zona de Convergência Intertropical, caracterizado pela formação de núcleos de aumento nas temperaturas superficiais do Oceano Pacífico.
- (E) Zona de Convergência do Atlântico Sul, caracterizado pela diminuição da temperatura e da umidade no equador.

RESPOSTA A

O mapa apresenta os efeitos do El Niño, característico pelo aquecimento atípico das águas do Oceano Pacífico, causando aridez no sudeste asiático, bem como no nordeste brasileiro, além de aumento das temperaturas na região sudeste do Brasil e maiores volumes pluviométricos no sul do país.

Leia os excertos do geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber.

Excerto 1

Domínio com fortíssima e generalizada decomposição de rochas, densas drenagens perenes, extensiva mamelonização, agrupamentos eventuais de “pães de açúcar”, planícies de inundação meândricas.

Excerto 2

Domínio com planaltos de estrutura complexa, planaltos com vertentes em rampas suaves, ausência quase

completa de mamelonização, drenagens espaçadas pouco ramificadas.

(“Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil”. In: *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*, 2010. Adaptado.)

Os domínios morfoclimáticos caracterizados nos excertos 1 e 2 referem-se, respectivamente,

- (A) ao cerrado e à caatinga.
- (B) à caatinga e aos mares de morros.
- (C) ao amazônico e às pradarias.
- (D) aos mares de morros e ao cerrado.
- (E) às araucárias e às pradarias.

RESPOSTA D

O relevo mamelonar é característico do domínio dos Mares de Morros, enquanto a maior estabilidade topográfica é típica do domínio do Cerrado.

A Pegada Hídrica é uma ferramenta de gestão de recursos hídricos que indica o consumo de água doce com base em seus usos direto e indireto. “Precisamos desconstruir a percepção de que a água vem apenas da torneira [um uso direto] e que simplesmente consertar um pequeno vazamento é o bastante para assumir uma atitude sustentável”, ressalta Albano Araujo, coordenador da Estratégia de Água Doce da Nature Conservancy. (www.wwf.org.br. Adaptado.)

Considerando o excerto e os conhecimentos acerca do consumo de água no planeta, é correto afirmar que o uso indireto de água doce corresponde

- (A) à comercialização de água sob a forma de produto final.
- (B) ao emprego de água extraída de reservas subterrâneas para o abastecimento público.
- (C) à quantidade de água utilizada para a fabricação de bens de consumo.
- (D) ao aproveitamento doméstico da água resultante de processos de despoluição.
- (E) à distribuição de água oriunda de represas distantes do consumidor final.

RESPOSTA C

A Pegada Hídrica corresponde ao uso indireto da água no processo de fabricação dos bens de consumo, indicando quanta água foi usada, por exemplo, na confecção de uma calça jeans ou de um televisor.

A fotografia mostra a elevada concentração de aguapés em um trecho do Rio Tietê, localizado a montante da barragem de Barra Bonita (SP).



(g1.globo.com)

O desenvolvimento acelerado dessas plantas constitui um indicador de

- (A) assoreamento, oriundo do depósito de rejeitos de mineração e da diminuição da matéria orgânica em suspensão.
- (B) eutrofização, decorrente do aprofundamento dos leitos e da intermitência dos corpos d'água.
- (C) eutrofização, resultante do despejo de esgotos e da descarga de fertilizantes agrícolas.
- (D) assoreamento, proveniente do aumento da precipitação média e da ocorrência da chuva ácida.
- (E) lixiviação, derivada do turbilhonamento do fundo de lagos e da oxigenação da água.

RESPOSTA C

O acúmulo de material orgânico provindo de esgotos e descarga de fertilizantes, bem como o crescimento acelerado de aguapés, provoca o consumo excessivo de oxigênio disponível na água, causando apoxia do ambiente e sua eutrofização.

O governo americano está sendo processado, pela primeira vez, por quem nem nasceu ainda. Quem assina o processo, em nome das “futuras gerações”, também não está por aqui há muito tempo: são 21 crianças e adolescentes de 8 a 19 anos que registraram uma ação contra Barack Obama, presidente dos Estados Unidos. Eles acreditam que os governantes não estão fazendo o suficiente para salvar o planeta do aquecimento global. Um dos argumentos do grupo é que as autoridades conhecem os danos potenciais dos combustíveis fósseis há décadas: já se sabia que reduzir a emissão desses gases era necessário para dar condições razoáveis de vida a gerações futuras – e por isso eles acusam o Estado de estar infringindo seus direitos constitucionais.

(www.super.abril.com.br, 26.04.2016. Adaptado.)

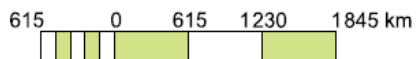
Tal denúncia relaciona-se, em larga medida, ao não cumprimento dos objetivos propostos no

- (A) Tratado de Madri.
- (B) Tratado de Roma.
- (C) Protocolo de Quioto.
- (D) Tratado de Assunção.
- (E) Protocolo de Cartagena.

RESPOSTA C

A denúncia está relacionada ao não cumprimento do Protocolo de Quioto, assinado em 1997, e um dos principais marcos nas políticas de combate à degradação ambiental através da poluição atmosférica.

A escala cartográfica define a proporcionalidade entre a superfície do terreno e sua representação no mapa, podendo ser apresentada de modo gráfico ou numérico.



A escala numérica correspondente à escala gráfica apresentada é:

- (A) 1:184 500 000.
- (B) 1:615 000.
- (C) 1:1 845 000.
- (D) 1:123 000 000.
- (E) 1:61 500 000.

RESPOSTA E

Na escala gráfica, uma unidade (1cm) corresponde a 615km (61500000cm). Logo, a escala numérica será a de 1:61500000.

Texto 1

Estamos em uma situação aterradora: dos lados da direita e da esquerda há ausência de pensamento. Você conversa com alguém da direita e vê que ele é capaz de dizer quatro frases contraditórias sem perceber as contradições. Você conversa com alguém da extrema esquerda e vê o totalitarismo que também opera com a ausência do pensamento. Então nós estamos ensanduichados entre duas maneiras de recusar o pensamento.

(Marilena Chauí. “Sociedade brasileira: violência e autoritarismo por todos os lados”. Cult, Fevereiro de 2016. Adaptado.)

Texto 2

O fenômeno dos coletivos é um traço regressivo no embate com a solidão do homem moderno. É uma tentativa, canhestra e primitiva, de “voltar ao útero materno” para ver se o ruído insuportável da realidade disforme do mundo se dissolve porque grito palavras de ordem ou faço coisas pelas quais eu mesmo não sou responsabilizado, mas sim o “coletivo”, essa “pessoa” indiferenciada que não existe.

(Luiz Felipe Pondé. “Sapiens x abelhas”. Folha de S.Paulo, 23.05.2016. Adaptado.)

Sobre os textos, é correto afirmar que

- (A) os textos 1 e 2 criticam o individualismo moderno, enfatizando a importância da valorização das tradições populares e comunitárias.
- (B) os textos 1 e 2 criticam as tendências totalitárias no campo da consciência política, em seus aspectos irracionalistas e psicológicos.
- (C) os textos 1 e 2 analisam um fenômeno que espelha a realização dos ideais iluministas de autonomia do indivíduo e de emancipação da humanidade.
- (D) os textos 1 e 2 valorizam a importância do sentimento e das emoções como meios de agregação dos indivíduos no interior de coletividades políticas.
- (E) o texto 1 critica a alienação da consciência política, enquanto o texto 2 valoriza a inserção dos indivíduos em coletivos.

RESPOSTA B

O aspecto irracionalista presente no discurso político totalitário, historicamente localizado nos regimes nazista e stalinista e ausência de autonomia no pensamento levam à indiferenciação dos indivíduos que dissolvem sua identidade em coletivos homogêneos, como apresentado no texto II e à incapacidade de aceitação do ponto de vista contraditório, como apresentado no texto I.

Em maio deste ano, a divulgação do vídeo de uma moça desacordada, vítima de um estupro coletivo, provocou grande indignação na população. Num primeiro momento, prevaleceu a revolta diante da barbárie e a percepção de que o machismo, base da chamada “cultura do estupro”, persiste na sociedade. Passado o primeiro momento, as opiniões divergentes começaram a surgir. Entre os que não veem o machismo como propulsor de crimes desse tipo estão aqueles (e aquelas!) que consideraram os autores do ato uns “monstros”, o que faz do episódio um caso isolado, perpetrado por pessoas más. Houve quem analisasse o fato do ponto de vista da psicologia, sugerindo que, num estupro coletivo, o que importa é o grupo, não a mulher (como ocorre nos trotes contra calouros e na agressão entre torcidas de futebol). Mais uma vez, temos uma reflexão que se propõe explicar os fatos à luz do indivíduo e seu psiquismo. Outros deslocam o problema para as classes sociais menos favorecidas. São os que costumam ficar horrorizados com a existência de favelas, ambientes onde meninas dançam com pouca roupa ao som das letras machistas do funk.

(Thaís Nicoleti. “Discursos em torno da ‘cultura do estupro’”. www.uol.com.br, 09.06.2016. Adaptado.)

Considerando o conjunto dos argumentos mobilizados no texto para explicar a violência contra a mulher na sociedade atual, é correto afirmar que

- (A) a “cultura do estupro” é um conceito educacional relacionado sobretudo com o baixo nível de escolarização da população.
- (B) as origens e responsabilidades por tais acontecimentos devem ser atribuídas tanto aos agentes quanto às vítimas da agressão.
- (C) a “cultura do estupro” é um conceito científico, relacionado com desvios comportamentais de natureza psiquiátrica.
- (D) os episódios de barbárie social são provocados exclusivamente pelas desigualdades materiais geradas pelo capitalismo.
- (E) a abordagem opõe um enfoque antropológico, baseado em questões de gênero, a argumentos de natureza moral, psicológica e social.

O texto em questão revela a pluralidade de argumentos formulados acerca de um caso de estupro coletivo em maio de 2016. São apresentados discursos morais, psicológicos e classistas que tendem a atribuir uma única causa como determinante. Trata-se de um texto antropológico pois busca servir diferentes aspectos a respeito do fato em questão.

Quando estou dentro do cinema, tudo me parece perfeito, como se eu estivesse dentro de uma máquina de sensações programadas. Mergulho em suspense, em medo, em vinganças sem-fim, tudo narrado como uma ventania, como uma tempestade de planos curtos, tudo tocado por orquestras sinfônicas plagiando Beethoven ou Ravel para cenas românticas, Stravinski para violências e guerras. Não há um só minuto sem música, tudo feito para não desgrudarmos os olhos da tela. A eficiência técnica me faz percorrer milhares de anos-luz de emoções e aventuras aterrorizantes, que nos exaurem como se fôssemos personagens, que nos fazem em pedaços espalhados pela sala, junto com os copos de Coca-Cola e sacos de pipocas. Somos pipocas nesses filmes.

(Arnaldo Jabor. "A guerra das estrelas". O Estado de S.Paulo, 18.11.2014. Adaptado.)

Esse texto pode ser corretamente considerado

- (A) uma crítica de natureza estética aos apelos técnicos e sensacionalistas no cinema.
- (B) uma análise elogiosa do alto grau de perfeição técnica das imagens do cinema.
- (C) um ponto de vista valorizador da presença da música erudita no cinema atual.
- (D) um elogio ao cinema como mercadoria de entretenimento da indústria cultural.
- (E) uma crítica ao caráter culturalmente elitista das obras cinematográficas atuais.

RESPOSTA A

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

O texto de Arnaldo Jabor expressa a colonização da arte pela técnica na medida em que apresenta a crítica ao controle exercido pelas máquinas sobre as sensações do espectador. Os tipos de música escolhidos para cenas específicas de maneira premeditada servem para criar um cenário onde tudo parece perfeito, retirando o olhar crítico dos espectadores.

O alvo dos ataques extremistas é o Iluminismo. E a melhor defesa é o próprio Iluminismo. “Por mais que seus valores estejam sendo atacados por elementos como os fundamentalistas americanos e o islamismo radical, isto é, pela religião organizada, o Iluminismo continua sendo a força intelectual e cultural dominante no Ocidente. O Iluminismo continua oferecendo uma arma contra o fanatismo”. Estas palavras do historiador britânico Anthony Pagden chegam em um momento em que algumas forças insistem em dinamitar a herança do Século das Luzes. “O Iluminismo é um projeto importante e em incessante evolução. Proporciona uma imagem de um mundo capaz tanto de alcançar certo grau de universalidade quanto de libertar-se das restrições do tipo de normas morais oferecidas pelas comunidades religiosas e suas análogas ideologias laicas: o comunismo, o fascismo e, agora, inclusive, o comunitarismo”, afirma Pagden.

(Winston Manrique Sabogal. “O Iluminismo continua oferecendo uma arma contra o fanatismo”. www.unisinos.br. Adaptado.)

No texto, o Iluminismo é entendido como

- (A) um impulso intelectual propagador de ideologias políticas e religiosas contrárias à hegemonia do Ocidente.
- (B) um movimento filosófico e intelectual de valorização da razão, da liberdade e da autonomia, restrito ao século XVIII.
- (C) uma tendência de pensamento legitimadora do domínio colonialista e imperialista exercido pelas nações europeias.
- (D) um projeto intelectual eurocêntrico baseado em imagens de mundo dotadas de universalidade teológica.
- (E) uma experiência intelectual racional e emancipadora, de origem europeia, porém passível de universalização.

RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

A questão apresenta uma oposição entre fundamentalismo (em seu aspecto autoritário) ao movimento intelectual europeu do século XVIII, o iluminismo, marcado pela autonomia e negação da autoridade, como foi proposto emblematicamente pelo filósofo Immanuel Kant. Embora esse movimento tenha sido contextualizado na Europa, sua proposta e impacto atingiram a universalidade do homem, destoando-se de ideologias normatizadoras, como a religiosa ou ideologias fascistas.

A genuína e própria filosofia começa no Ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que se ilumina a si própria, criando por si o seu mundo. Que um povo se reconheça livre, eis o que constitui o seu ser, o princípio de toda a sua vida moral e civil. Temos a noção do nosso ser essencial no sentido de que a liberdade pessoal é a sua condição fundamental, e de que nós, por conseguinte, não podemos ser escravos. O estar às ordens de outro não constitui o nosso ser essencial, mas sim o não ser escravo. Assim, no Ocidente, estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia.

(Hegel. Estética, 2000. Adaptado.)

De acordo com o texto de Hegel, a filosofia

- (A) visa ao estabelecimento de consciências servis e representações homogêneas.
- (B) é compatível com regimes políticos baseados na censura e na opressão.
- (C) valoriza as paixões e os sentimentos em detrimento da racionalidade.
- (D) é inseparável da realização e expansão de potenciais de razão e de liberdade.
- (E) fundamenta-se na inexistência de padrões universais de julgamento.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

Hegel foi um filósofo emblemático do pensamento racional, atribuindo ao intelecto um papel determinante na liberdade do homem. Em sua dialética do senhor e do escravo, inverte as condições de liberdade e emancipação, relegando a independência do escravo em relação à natureza sua emancipação. Já o senhor, por depender do escravo para atender suas necessidades, tem o seu potencial humano suprimido.

Nossa felicidade depende daquilo que *somos*, de nossa individualidade; enquanto, na maior parte das vezes, levamos em conta apenas a nossa sorte, apenas aquilo que *temos* ou *representamos*. Pois, o que alguém é para si mesmo, o que o acompanha na solidão e ninguém lhe pode dar ou retirar, é manifestamente mais essencial para ele do que tudo quanto puder possuir ou ser aos olhos dos outros. Um homem espiritualmente rico, na mais absoluta solidão, consegue se divertir primorosamente com seus próprios pensamentos e fantasias, enquanto um obtuso, por mais que mude continuamente de sociedades, espetáculos, passeios e festas, não consegue afugentar o tédio que o martiriza.

(Schopenhauer. Aforismos sobre a sabedoria de vida, 2015. Adaptado.)

Com base no texto, é correto afirmar que a ética de Schopenhauer

- (A) corrobora os padrões hegemônicos de comportamento da sociedade de consumo atual.
- (B) valoriza o aprimoramento formativo do espírito como campo mais relevante da vida humana.
- (C) valoriza preferencialmente a simplicidade e a humildade, em vez do cultivo de qualidades intelectuais.
- (D) prioriza a condição social e a riqueza material como as determinações mais relevantes da vida humana.
- (E) realiza um elogio à fé religiosa e à espiritualidade em detrimento da atração pelos bens materiais.

RESPOSTA B

O pensamento de schopenhauer é marcado pela oposição entre a existência e a representação do mundo, atribuindo a esta a manifestação essencial do ser. Nesse sentido, o conjunto dos elementos exteriores ao homem não podem render-lhe felicidade, sendo esta, portanto, diretamente ligada ao espírito. Contudo, este não se encontra pleno de sentido, sendo necessário seu aprimoramento interior.

O quadro apresenta alguns dos sinais clínicos que ajudam a distinguir os casos de dengue, de zika e de chikungunya.

Variações sutis			
Sintomas	Dengue	Zika	Chikungunya
Febre	Superior a 38 °C por 4 a 7 dias	Ausente ou até 38 °C por 1 a 2 dias	Superior a 38 °C por 2 a 3 dias
Manchas vermelhas na pele (exantema)	Surgem a partir do quarto dia em 30% a 50% dos casos	Surgem no primeiro ou segundo dia em mais de 90% dos casos	Surgem entre o segundo e o quinto dia em 50% dos casos
Dor nos músculos	Muito frequente	Frequente	Pouco frequente
Dor nas articulações	Pouco frequente e leve	Frequente e de leve a moderada	Muito frequente e de moderada a intensa
Inchaço nas articulações	Raro	Frequente e leve	Frequente e de moderado a intenso
Conjuntivite	Rara	Ocorre em 50% a 90% dos casos	Ocorre em 30% dos casos
Cefaleia	Muito frequente e muito intensa	Frequente e de intensidade moderada	Frequente e de intensidade moderada
Coceira	Leve	Moderada a intensa	Leve
Hipertrofia dos gânglios	Leve	Intensa	Moderada
Tendência a sangramento	Moderada	Ausente	Leve
Acometimento neurológico	Raro	Mais frequente do que em dengue e chikungunya	Raro (ocorre principalmente em recém-nascidos)

(Pesquisa Fapesp, janeiro de 2016. Adaptado.)

As diferenças no quadro clínico de cada uma dessas doenças devem-se

- (A) às características dos diferentes vetores dos agentes causadores da dengue, da zika e da chikungunya.
- (B) às características e estratégias infecciosas dos diferentes agentes causadores da dengue, da zika e da chikungunya.
- (C) às características climáticas das diferentes regiões geográficas onde ocorrem a dengue, a zika e a chikungunya.
- (D) aos diferentes modos de transmissão dos agentes causadores da dengue, da zika e da chikungunya.
- (E) às diferenças na resposta imunológica dos infectados em resposta ao mesmo agente causador da dengue, da zika e da chikungunya.

Por se tratarem de Virose causadas por diferentes Agentes Etiológicos virais, haveria estratégias infecciosas diferentes.

Em uma matéria sobre o papel das plantas na redução da concentração atmosférica dos gases do efeito estufa, consta a seguinte informação: O vegetal “arranca” o carbono, que é o C do CO₂, para usar de matéria-prima para o seu tronco, e devolve para a atmosfera o O₂, ou seja, oxigênio. (Superinteressante, maio de 2016. Adaptado.)

Tal informação refere-se à

- (A) respiração celular e está correta, uma vez que, nas mitocôndrias, o carbono do CO₂ é disponibilizado para a síntese de tecidos vegetais e o O₂ é devolvido para a atmosfera.
- (B) fotossíntese e está correta, uma vez que, através desse processo, a planta utiliza o carbono na síntese de seus tecidos, devolvendo para a atmosfera o oxigênio do CO₂.
- (C) fotossíntese e está incorreta, uma vez que o carbono do CO₂ é utilizado na síntese de carboidratos que serão consumidos na respiração celular, mas não como matéria-prima do tronco.
- (D) fotossíntese e está incorreta, uma vez que o oxigênio liberado para atmosfera provém da reação de decomposição da água, e não do CO₂ que a planta capta da atmosfera.
- (E) respiração celular e está incorreta, uma vez que o O₂ liberado para atmosfera tem origem na quebra de carboidratos na glicólise, da qual também resulta o carbono que irá compor os tecidos vegetais.

RESPOSTA D

O Oxigênio liberado na fotossíntese tem origem na fotólise da molécula de água durante a fase fotoquímica, já o Carbono do CO₂ é utilizado na síntese de carboidratos no Ciclo de Calvin.

As chamadas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) também são transmitidas por outras vias, além da relação sexual. O quadro apresenta algumas DSTs.

DST	Agente infeccioso	Sintomas
Sífilis	bactéria <i>Treponema pallidum</i>	Lesões nos órgãos genitais, na pele e nas mucosas. Pode afetar o sistema nervoso.
Cancro mole (cancro venéreo simples, cavalo)	bactéria <i>Haemophilus ducreyi</i>	Lesões nos órgãos genitais, mais frequentemente no homem.
Aids (síndrome da imunodeficiência adquirida)	vírus da imunodeficiência humana – HIV	Ataque às células do sistema imunitário ocasionando imunodeficiência e infecções oportunistas.
Gonorreia (blenorragia)	bactéria <i>Neisseria gonorrhoeae</i>	Ardor ao urinar e secreção uretral de cor amarelada. Nos bebês, pode levar à cegueira.
Condiloma acuminado (crista de galo, HPV)	papiloma vírus humano – HPV	Lesões em forma de crista nos órgãos genitais. Pode levar ao câncer nos órgãos genitais e no ânus.

Suponha que Júlio adquiriu uma DST através de transfusão sanguínea, que Paulo adquiriu uma DST ainda no ventre materno e que Adriano teve uma DST que só se adquire por relação sexual.

As DSTs de Júlio, Paulo e Adriano podem ser, respectivamente,

- (A) cancro mole, aids e condiloma acuminado.
- (B) condiloma acuminado, gonorreia e sífilis.
- (C) aids, sífilis e cancro mole.
- (D) gonorreia, condiloma acuminado e aids.
- (E) sífilis, cancro mole e gonorreia.

RESPOSTA C

Das DSTs mencionadas, a Aids e a Sífilis podem ser transmitidas via sanguínea. Quanto as DSTs citadas que podem ser transmitidas da mãe para o filho (via congênita) podem ser a Aids e a Sífilis. Já o Adriano poderá ter contraído qualquer uma dessas doenças através da relação sexual.

Em cada um dos gráficos A e B, há três curvas, porém apenas uma delas, em cada gráfico, representa corretamente o fenômeno estudado.

GRÁFICO A

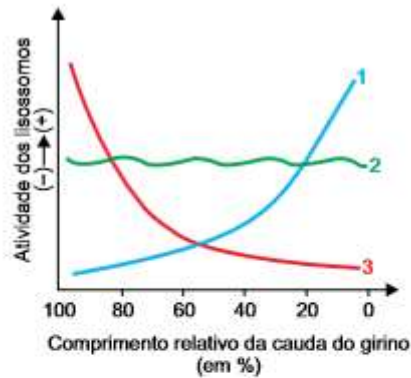
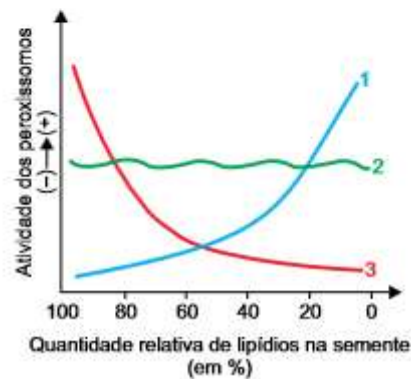


GRÁFICO B



No gráfico A, o fenômeno estudado é a atividade dos lisossomos na regressão da cauda de girinos na metamorfose. No gráfico B, o fenômeno estudado é a atividade dos peroxissomos na conversão dos lipídios em açúcares que serão consumidos durante a germinação das sementes. A curva que representa corretamente o fenômeno descrito pelo gráfico A e a curva que representa corretamente o fenômeno descrito pelo gráfico B são, respectivamente,

- (A) 1 e 1.
- (B) 3 e 3.
- (C) 3 e 1.
- (D) 1 e 2.
- (E) 2 e 2.

RESPOSTA A

A atividade lisossomal no gráfico A está relacionada à regressão da cauda do girino, observado na curva 1, já no gráfico B a atividade dos peroxissomos leva à redução dos lipídios observado na curva 1.

Uma gimnosperma conhecida como cedrinho (*Cupressus lusitanica*) é uma opção de cerca-viva para quem deseja delimitar o espaço de uma propriedade. Para isso, mudas dessa espécie são plantadas a intervalos regulares. Podas periódicas garantem que o espaço entre as mudas seja preenchido, resultando em uma cerca como a ilustrada na imagem.



(www.mariplantas.com.br)

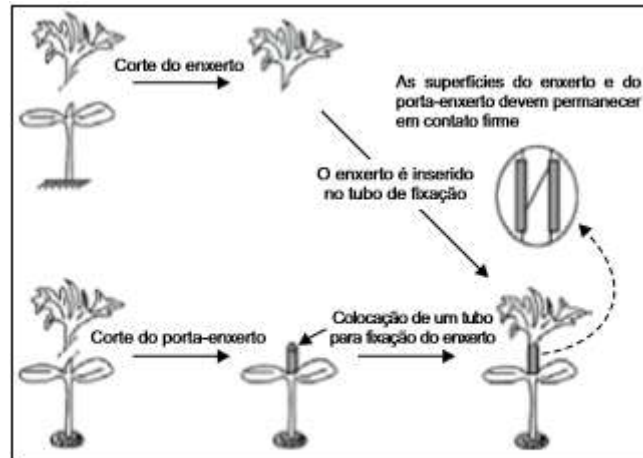
Para se obter uma cerca-viva de altura controlada, que crie uma barreira física e visual, deve-se

- (A) estimular a produção de auxinas pelas gemas laterais das plantas, podando periodicamente a gema apical.
- (B) estimular a produção de auxinas pela gema apical das plantas, podando periodicamente as gemas laterais.
- (C) inibir a produção de auxinas pela gema apical e pelas gemas laterais das plantas, podando periodicamente as gemas laterais e a gema apical.
- (D) inibir a produção de auxinas pela gema apical das plantas, podando periodicamente as gemas laterais.
- (E) inibir a produção de auxinas pelas gemas laterais das plantas, podando periodicamente a gema apical.

RESPOSTA A

O excesso de auxinas na gema apical é responsável pela dominância apical, inibindo as gemas laterais. Sendo assim, a poda da gema apical estimula a produção de auxinas pelas gemas laterais, que leva ao crescimento de mais ramos.

A enxertia consiste em implantar parte de uma planta viva em outra planta de igual ou diferente espécie. A planta introduzida (enxerto) produz folhas, flores e frutos, enquanto a planta receptora (porta-enxerto) capta água e nutrientes do solo. A figura esquematiza uma das técnicas indicadas para a enxertia entre espécies de hortaliças, tais como pepino, abóbora, melão e melancia.



(Roberta Marins Peil. "A enxertia na produção de mudas de hortaliças".
Ciência rural, novembro/dezembro de 2003.)

Suponha que um enxerto de pepino (*Cucumis sativus*) tenha sido introduzido em um porta-enxerto de abóbora (*Cucurbita moschata*). Os frutos produzidos por essa enxertia serão

- (A) pepinos cujas sementes darão origem a exemplares de *Cucurbita moschata*.
- (B) híbridos estéreis com características de *Cucumis sativus* e de *Cucurbita moschata*.
- (C) abóboras cujas sementes darão origem a exemplares de *Cucumis sativus*.
- (D) abóboras cujas sementes darão origem a exemplares de *Cucurbita moschata*.
- (E) pepinos cujas sementes darão origem a exemplares de *Cucumis sativus*.

RESPOSTA E

O enxerto de pepino (*Cucumis sativus*) introduzido em um porta-enxerto de abóbora (*Curcubita moschata*), deve propagar apenas a gema do enxerto portanto, futuramente, levará à formação de frutos e sementes de pepinos.

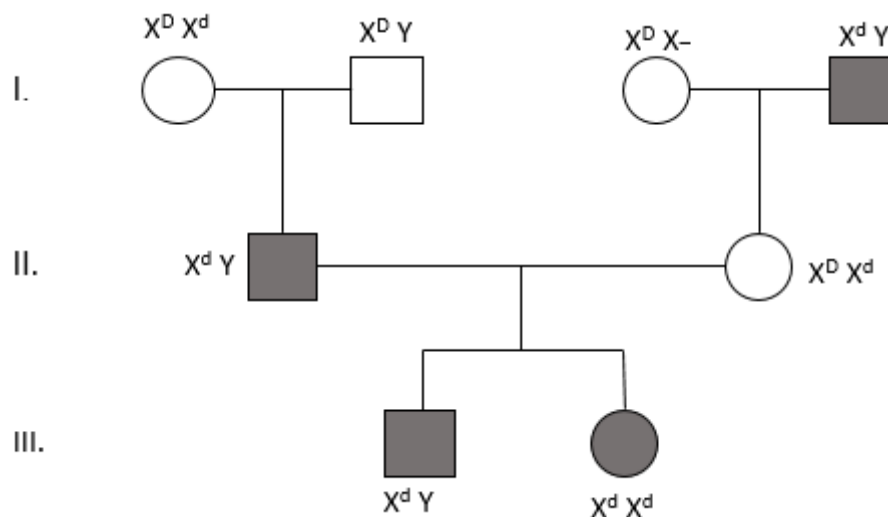
Uma professora de Biologia explicava a seus alunos que o daltonismo para a cor verde é determinado por um gene recessivo ligado ao sexo. Paulo e Luísa, um casal de gêmeos que estudava na mesma sala, disseram que eram daltônicos para a cor verde. A professora perguntou se outras pessoas da família também eram daltônicas e os gêmeos responderam que outras duas pessoas tinham o mesmo tipo de daltonismo. Para descobrir quais eram essas pessoas, a professora fez mais algumas perguntas aos gêmeos e descobriu que eles não tinham outros irmãos, que seus pais eram filhos únicos e que seus avós ainda eram vivos. As outras duas pessoas daltônicas da família eram

- (A) o pai e o avô materno dos gêmeos.
- (B) a mãe e a avó materna dos gêmeos.
- (C) a mãe e a avó paterna dos gêmeos.
- (D) o pai e a mãe dos gêmeos.
- (E) o avô materno e a avó paterna dos gêmeos.

RESPOSTA A

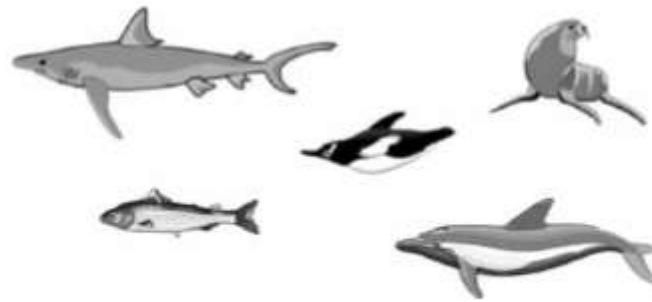
Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE



Luísa e Paulo são os gêmeos (obrigatoriamente dizigóticos). Luísa recebeu um cromossomo X com alelo recessivo de cada um dos pais. Já Paulo recebeu o cromossomo X com alelo recessivo de sua mãe, portanto, o pai dos gêmeos é daltônico. A mãe dos gêmeos não pode ser daltônica pois, caso contrário, seu pai também seria daltônico, havendo 3 afetados ao invés de dois. Portanto, a mãe dos gêmeos é normal e portadora do alelo recessivo, que ela obrigatoriamente recebeu de seu pai.

Na figura estão representados exemplares de peixes, de aves e de mamíferos.



(<http://biologoemcena.blogspot.com.br>)

As semelhanças de formato dos corpos e dos membros locomotores nos animais representados decorrem

- (A) da mutação que ocorre nos indivíduos em resposta às exigências adaptativas de ambientes com diferentes características, o que leva à irradiação adaptativa.
- (B) da ação da seleção natural atuando sobre indivíduos em ambientes com diferentes características, o que leva à convergência adaptativa.
- (C) da ação da seleção natural atuando sobre indivíduos em ambientes com as mesmas características, o que leva à convergência adaptativa.
- (D) da mutação que ocorre casualmente em indivíduos que vivem em ambientes com as mesmas características, o que leva à irradiação adaptativa.
- (E) da ação da deriva genética, que permite a fixação de diferentes fenótipos em ambientes com diferentes características, o que leva à convergência adaptativa.

RESPOSTA C

Peixes, aves e mamíferos não compartilham um ancestral comum e exclusivo e, portanto, o formato hidrodinâmico do corpo não foi herdado de um ancestral comum. O que ocorreu foi o fato deles passarem por pressões seletivas semelhantes, levando à seleção de características corporais favoráveis à sobrevivência no meio aquático (convergência adaptativa).

Analisar o quadro 1, que apresenta diferentes soluções aquosas com a mesma concentração em mol/L e à mesma temperatura.

QUADRO 1

Solução	Nome	Fórmula
1	nitrito de bário	Ba(NO ₃) ₂
2	cromato de sódio	Na ₂ CrO ₄
3	nitrito de prata	AgNO ₃
4	nitrito de sódio	NaNO ₃

O quadro 2 apresenta o resultado das misturas, de volumes iguais, de cada duas dessas soluções.

QUADRO 2

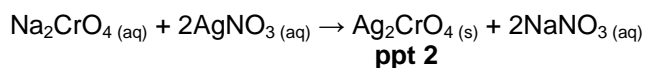
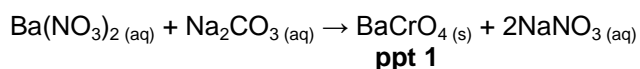
Mistura	Resultado
1+2	formação de precipitado (ppt 1)
1+3	não ocorre formação de precipitado
1+4	não ocorre formação de precipitado
2+3	formação de precipitado (ppt 2)
2+4	não ocorre formação de precipitado
3+4	não ocorre formação de precipitado

De acordo com essas informações, os precipitados formados, ppt 1 e ppt 2, são, respectivamente,

- (A) BaCrO₄ e Ag₂CrO₄
- (B) Ba(NO₃)₂ e AgNO₃
- (C) BaCrO₄ e NaNO₃
- (D) NaNO₃ e Ag₂CrO₄
- (E) Na₂CrO₄ e Ag₂CrO₄

RESPOSTA B

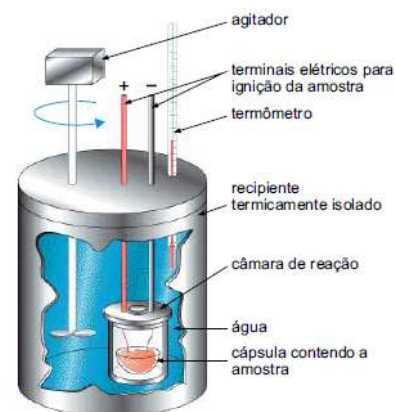
Observando os reagentes do Quadro 1:



O esquema representa um calorímetro utilizado para a determinação do valor energético dos alimentos.

A tabela nutricional de determinado tipo de azeite de oliva traz a seguinte informação: “Uma porção de 13 mL (1 colher de sopa) equivale a 108 kcal.” Considere que o calor específico da água seja $1 \text{ kcal} \cdot \text{kg}^{-1} \cdot ^\circ\text{C}^{-1}$ e que todo o calor liberado na combustão do azeite seja transferido para a água. Ao serem queimados 2,6 mL desse azeite, em um calorímetro contendo 500 g de água inicialmente a $20,0^\circ\text{C}$ e à pressão constante, a temperatura da água lida no termômetro deverá atingir a marca de:

- (A) $21,6^\circ\text{C}$.
- (B) $33,2^\circ\text{C}$.
- (C) $45,2^\circ\text{C}$.
- (D) $63,2^\circ\text{C}$.
- (E) $52,0^\circ\text{C}$.



(<https://quimica2bac.wordpress.com>. Adaptado.)

RESPOSTA D

A amostra de água está variando de temperatura, somente, portanto, a energia necessária para alterar sua temperatura é sensível

$$Q = m c \Delta\theta$$

O azeite libera 108 kcal por cada 13 mL queimados, portanto, a energia Q liberada na queima de 2,6 mL de azeite é:

$$Q = \frac{108 \text{ kcal}}{13 \text{ mL}} \times 2,6 \text{ mL}$$

$$Q = 21,6 \text{ kcal}$$

Substituindo os valores na primeira equação:

$$21,6 = 0,5 \times 1 \times \Delta\theta$$

$$\Delta\theta = 43,2^\circ\text{C}$$

Como a amostra de água possui temperatura inicial de $\theta_0 = 20^\circ\text{C}$, sua temperatura final será $\theta = 63,2^\circ\text{C}$

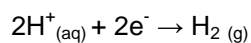
Em um experimento, um estudante realizou, nas Condições Ambiente de Temperatura e Pressão (CATP), a eletrólise de uma solução aquosa de ácido sulfúrico, utilizando uma fonte de corrente elétrica contínua de 0,200 A durante 965 s. Sabendo que a constante de Faraday é 96 500 C/mol e que o volume molar de gás nas CATP é 25 000 mL/mol, o volume de H₂ (g) desprendido durante essa eletrólise foi igual a

- (A) 30,0 mL.
- (B) 45,0 mL.
- (C) 10,0 mL.
- (D) 25,0 mL.
- (E) 50,0 mL.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE



$$i = \frac{\Delta Q}{\Delta t}$$

$$0,2 \text{ A} = \frac{\Delta Q}{965 \text{ s}}$$

$$Q = 193 \text{ C}$$

$$2 \text{ mol de e}^- \text{ ——— } 1 \text{ mol H}_2$$

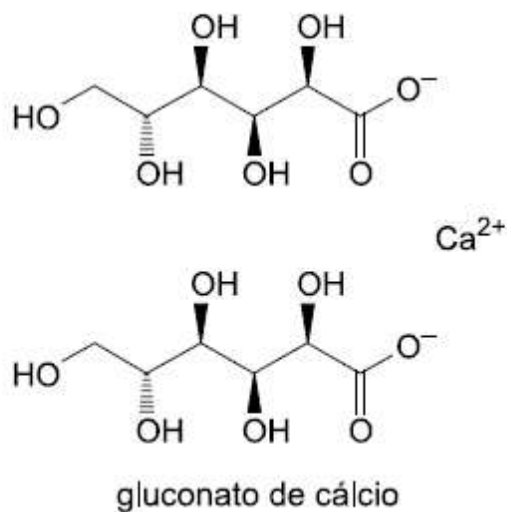
$$2 \cdot 96.500 \text{ C} \text{ ——— } 25.000 \text{ mL}$$

$$193 \text{ C} \text{ ——— } x$$

$$x = \frac{25 \cdot 10^3 \cdot 193}{2 \cdot 96.500}$$

$$x = 25 \text{ mL de H}_2(\text{g})$$

O gluconato de cálcio (massa molar = 430 g/mol) é um medicamento destinado principalmente ao tratamento da deficiência de cálcio. Na forma de solução injetável 10%, ou seja, 100 mg/mL, este medicamento é destinado ao tratamento da hipocalcemia aguda. (www.medicinanet.com.br. Adaptado.)



O número total de átomos de hidrogênio presentes na estrutura do gluconato de cálcio é

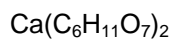
- (A) 14.
- (B) 20.
- (C) 16.
- (D) 10.
- (E) 22.

RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

Observando a estrutura fornecida, temos 22 átomos de hidrogênio presentes na fórmula do gluconato de cálcio



Considere que a constante de Avogadro seja $6,0 \times 10^{23} \text{ mol}^{-1}$ e que uma pessoa receba uma dose de 10 mL de uma solução injetável de gluconato de cálcio a 10%. O número total de íons Ca^{2+} que entrará no organismo dessa pessoa

após ela receber essa dose será

- (A) $7,1 \times 10^{22}$.
- (B) $1,0 \times 10^{23}$.
- (C) $5,5 \times 10^{25}$.
- (D) $1,4 \times 10^{21}$.
- (E) $4,3 \times 10^{24}$.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

1 mL do medicamento — 100 mg de $\text{Ca}(\text{C}_6\text{H}_{11}\text{O}_7)_2$
10 mL do medicamento — x

X = 1000 mg de $\text{Ca}(\text{C}_6\text{H}_{11}\text{O}_7)_2$

430 g de $\text{Ca}(\text{C}_6\text{H}_{11}\text{O}_7)_2$ — 40 g de Ca^{2+}

1 g de $\text{Ca}(\text{C}_6\text{H}_{11}\text{O}_7)_2$ — y

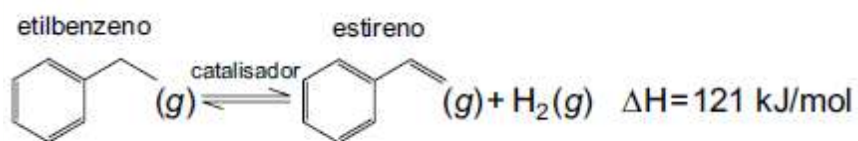
Y = $40/430 = 0,093 \text{ g}$ de Ca^{2+}

40 g de Ca^{2+} — 6×10^{23} íons de Ca^{2+}

0,093 g de Ca^{2+} — Z

Z = $1,4 \times 10^{21}$ íons de Ca^{2+}

O estireno, matéria-prima indispensável para a produção do poliestireno, é obtido industrialmente pela desidrogenação catalítica do etilbenzeno, que se dá por meio do seguinte equilíbrio químico:



O etilbenzeno e o estireno

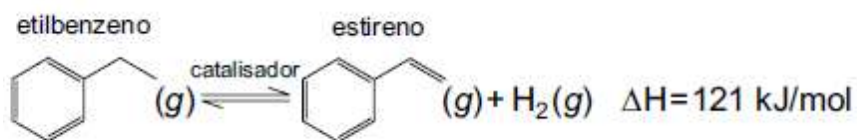
- (A) são hidrocarbonetos aromáticos.
- (B) apresentam átomos de carbono quaternário.
- (C) são isômeros funcionais.
- (D) apresentam átomos de carbono assimétrico.
- (E) são isômeros de cadeia.

RESPOSTA A

Tanto o Estireno quanto o etil-benzeno são hidrocarbonetos que possuem anel benzênico, por isso são classificados como aromáticos

Analisando-se a equação de obtenção do estireno e considerando o princípio de Le Châtelier, é correto afirmar que

O estireno, matéria-prima indispensável para a produção do poliestireno, é obtido industrialmente pela desidrogenação catalítica do etilbenzeno, que se dá por meio do seguinte equilíbrio químico:



- (A) a entalpia da reação aumenta com o emprego do catalisador.
- (B) a entalpia da reação diminui com o emprego do catalisador.
- (C) o aumento de temperatura favorece a formação de estireno.
- (D) o aumento de pressão não interfere na formação de estireno.
- (E) o aumento de temperatura não interfere na formação de estireno.

RESPOSTA C

Numa reação endotérmica, o aumento da temperatura faz com que o valor do K_c aumente (deslocando o equilíbrio) favorecendo a formação de estireno (produto).

Analisar o quadro, que mostra seis classes de enzimas e os tipos de reações que catalisam.

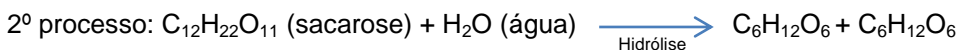
Classe de enzima	Tipo de reação que catalisa
1. óxido-redutases	óxido-redução
2. transferases	transferência de grupos
3. hidrolases	hidrólise
4. liases	adição de grupos a duplas ligações ou remoção de grupos, formando dupla ligação
5. isomerases	rearranjos intramoleculares
6. ligases	condensação de duas moléculas, associada à hidrólise de uma ligação de alta energia (em geral, do ATP)

(Anita Marzzoco e Bayardo Baptista Torres.
Bioquímica básica, 1999. Adaptado.)

A enzima álcool desidrogenase catalisa a transformação de etanol em acetaldeído e a enzima sacarase catalisa a reação de sacarose com água, produzindo glicose e frutose. Portanto, essas duas enzimas pertencem, respectivamente, às classes

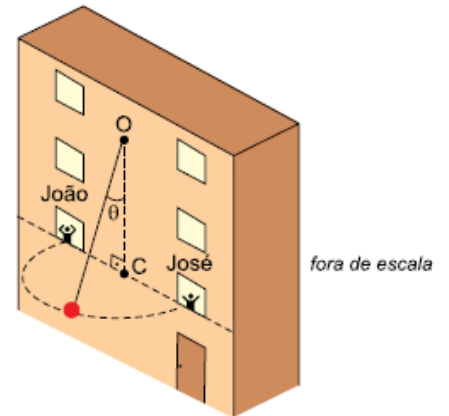
- (A) 6 e 5.
- (B) 1 e 3.
- (C) 4 e 5.
- (D) 1 e 2.
- (E) 3 e 6.

RESPOSTA B



Portanto: A enzima 1 é óxido-redutase e a enzima 2 é hidrolase

Em um edifício em construção, João lança para José um objeto amarrado a uma corda inextensível e de massa desprezível, presa no ponto O da parede. O objeto é lançado perpendicularmente à parede e percorre, suspenso no ar, um arco de circunferência de diâmetro igual a 15 m, contido em um plano horizontal e em movimento uniforme, conforme a figura. O ponto O está sobre a mesma reta vertical que passa pelo ponto C, ponto médio do segmento que une João a José. O ângulo θ , formado entre a corda e o segmento de reta OC, é constante.

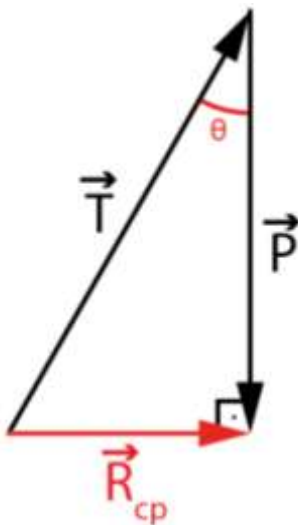


Considerando $\text{sen } \theta = 0,6$, $\text{cos } \theta = 0,8$, $g = 10 \text{ m/s}^2$ e desprezando a resistência do ar, a velocidade angular do objeto, em seu movimento de João a José, é igual a

- (A) 1,0 rad/s.
- (B) 1,5 rad/s.
- (C) 2,5 rad/s.
- (D) 2,0 rad/s.
- (E) 3,0 rad/s.

RESPOSTA A

Sobre o objeto atuam duas forças somente: peso e tração. Como o movimento é circular horizontal, sua resultante é centrípeta.



Utilizando relações trigonométricas no triângulo retângulo

$$\tan(\theta) = \frac{R_{cp}}{P}$$

$$\frac{\text{sen}(\theta)}{\text{cos}(\theta)} = \frac{mv^2}{R} \cdot \frac{1}{mg}$$

Simplificando as massas no lado direito da equação:

$$\frac{0,6}{0,8} = \frac{v^2}{Rg}$$

O raio da trajetória corresponde à metade do diâmetro de 15 metros

$$\frac{3}{4} = \frac{v^2}{75}$$

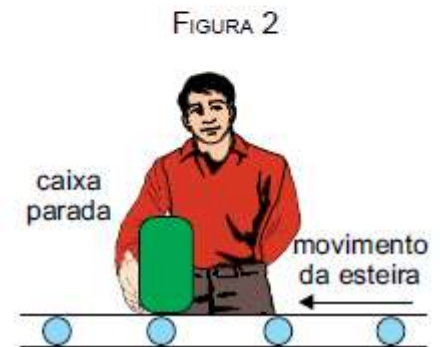
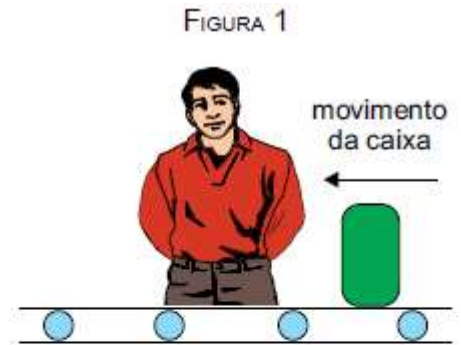
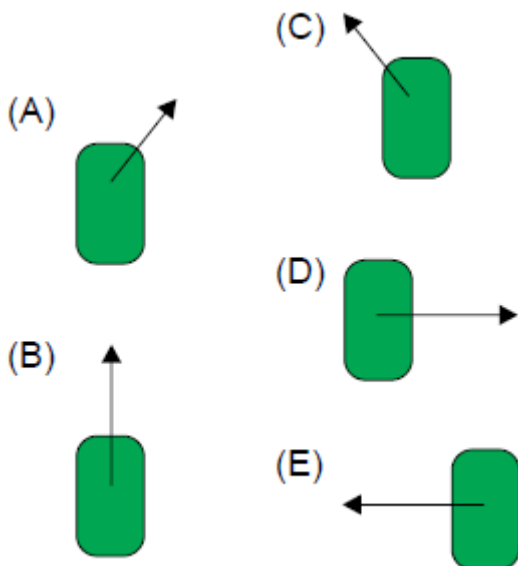
$$v = 7,5 \text{ m/s}$$

$$v = \omega R$$

$$\omega = 1 \text{ rad/s}$$

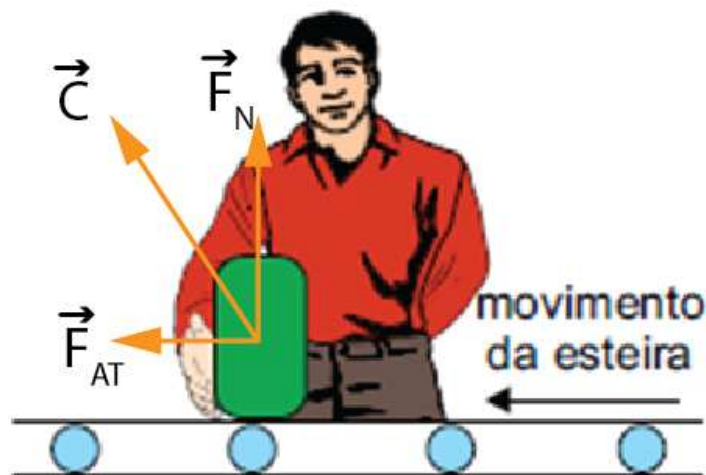
Na linha de produção de uma fábrica, uma esteira rolante movimenta-se no sentido indicado na figura 1, e com velocidade constante, transportando caixas de um setor a outro. Para fazer uma inspeção, um funcionário detém uma das caixas, mantendo-a parada diante de si por alguns segundos, mas ainda apoiada na esteira que continua rolando, conforme a figura 2.

No intervalo de tempo em que a esteira continua rolando com velocidade constante e a caixa é mantida parada em relação ao funcionário (figura 2), a resultante das forças aplicadas pela esteira sobre a caixa está corretamente representada na alternativa:



RESPOSTA C

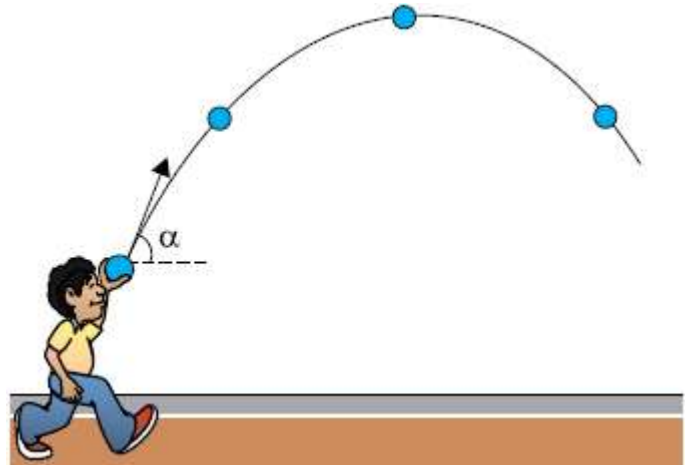
A força de contato (C) aplicada sobre a caixa, a partir da esteira possui uma componente normal (F_N) e uma de atrito (F_{AT}), a favor da tendência de movimento. Podemos verificar esta força e suas componentes na figura abaixo.



Um garoto arremessa uma bola com velocidade inicial inclinada de um ângulo α com a horizontal. A bola abandona a mão do garoto com energia cinética E_0 e percorre uma trajetória parabólica contida em um plano vertical, representada parcialmente na figura.

Desprezando-se a resistência do ar, a energia cinética da bola no ponto mais alto de sua trajetória é:

- (A) $E_0 \cdot \sin \alpha$
- (B) $E_0 \cdot \cos \alpha$
- (C) $E_0 \cdot \cos^2 \alpha$
- (D) $E_0 \cdot \sin^2 \alpha$
- (E) $\frac{E_0 \cdot \sin^2 \alpha}{2}$



RESPOSTA C

Calcula-se a velocidade inicial da bola a partir de sua energia cinética inicial

$$E_0 = \frac{m v_0^2}{2}$$

$$v_0 = \sqrt{\frac{2E_0}{m}}$$

No ponto mais alto da trajetória só existe a componente horizontal da velocidade inicial da bola

$$v_x = v_0 \cos(\alpha)$$

Calcula-se, portanto, a energia cinética no ponto mais alto utilizando v_x , somente.

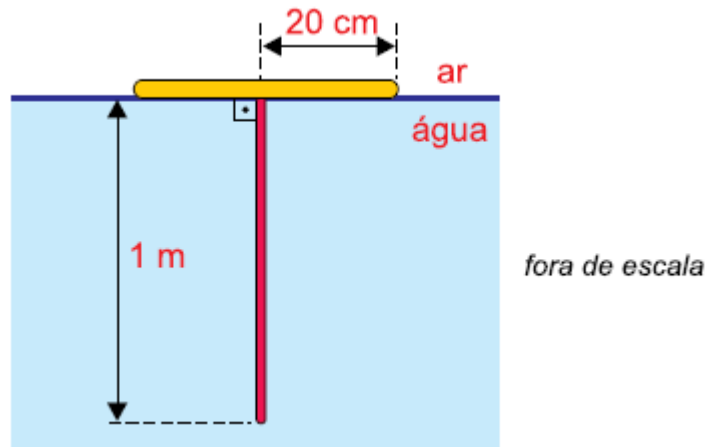
$$E = \frac{m v_x^2}{2} = \frac{m}{2} \times (v_0 \cos(\alpha))^2$$

$$E = E_0 \cos^2(\alpha)$$

Dentro de uma piscina, um tubo retilíneo luminescente, com 1 m de comprimento, pende, verticalmente, a partir do centro de uma boia circular opaca, de 20 cm de raio. A boia flutua, em equilíbrio, na superfície da água da piscina, como representa a figura.

Sabendo que o índice de refração absoluto do ar é 1,00 e que o índice de refração absoluto da água da piscina é 1,25, a parte visível desse tubo, para as pessoas que estiverem fora da piscina, terá comprimento máximo igual a:

- (A) 45 cm.
- (B) 85 cm.
- (C) 15 cm.
- (D) 35 cm.
- (E) 65 cm.

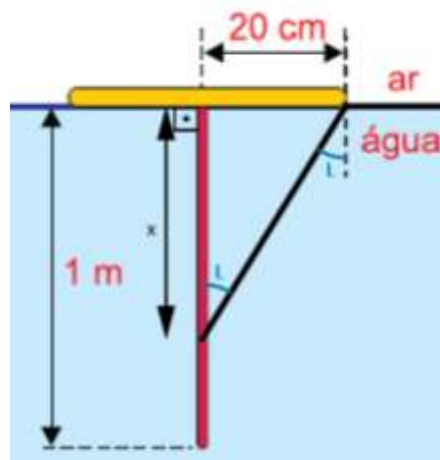


RESPOSTA B

A partir da definição de ângulo limite (L),

$$\frac{n_{AR}}{n_{ÁGUA}} = \text{sen}(L)$$

$$\text{sen}(L) = 0,8$$



Pela relação fundamental da trigonometria, se o seno de um ângulo é 0,8, seu cosseno é 0,6

A partir da figura, que ilustra a trajetória de um raio de luz para um ângulo limite, podemos calcular x utilizando o triângulo retângulo formado.

$$\tan(L) = \frac{20 \text{ cm}}{x}$$

$$\frac{0,8}{0,6} = \frac{20 \text{ cm}}{x}$$

$$x = 15 \text{ cm}$$

Logo, a parte visível do tubo possui comprimento $1 \text{ m} - 20 \text{ cm} = 85 \text{ cm}$.

Radares são emissores e receptores de ondas de rádio e têm aplicações, por exemplo, na determinação de velocidades de veículos nas ruas e rodovias. Já os sonares são emissores e receptores de ondas sonoras, sendo utilizados no meio aquático para determinação da profundidade dos oceanos, localização de cardumes, dentre outras aplicações. Comparando-se as ondas emitidas pelos radares e pelos sonares, temos que:

- (A) as ondas emitidas pelos radares são mecânicas e as ondas emitidas pelos sonares são eletromagnéticas.
- (B) ambas as ondas exigem um meio material para se propagarem e, quanto mais denso for esse meio, menores serão suas velocidades de propagação.
- (C) as ondas de rádio têm oscilações longitudinais e as ondas sonoras têm oscilações transversais.
- (D) as frequências de oscilação de ambas as ondas não dependem do meio em que se propagam.
- (E) a velocidade de propagação das ondas dos radares pela atmosfera é menor do que a velocidade de propagação das ondas dos sonares pela água.

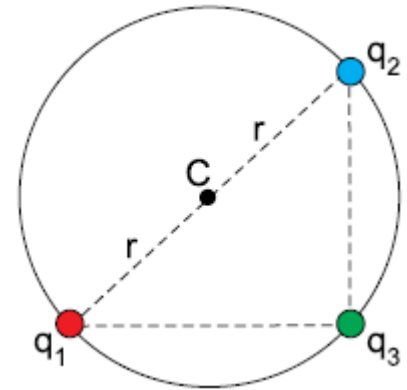
RESPOSTA D

A frequência de uma onda independe do meio no qual ela se propaga

Três esferas puntiformes, eletrizadas com cargas elétricas $q_1 = q_2 = +Q$ e $q_3 = -2Q$, estão fixas e dispostas sobre uma circunferência de raio r e centro C , em uma região onde a constante eletrostática é igual a k_0 , conforme representado na figura.

Considere V_C o potencial eletrostático e E_C o módulo do campo elétrico no ponto C devido às três cargas. Os valores de V_C e E_C são, respectivamente,

- (A) zero e $\frac{4 \cdot k_0 \cdot Q}{r^2}$
 (B) $\frac{4 \cdot k_0 \cdot Q}{r}$ e $\frac{k_0 \cdot Q}{r^2}$
 (C) zero e zero
 (D) $\frac{2 \cdot k_0 \cdot Q}{r}$ e $\frac{2 \cdot k_0 \cdot Q}{r^2}$
 (E) zero e $\frac{2 \cdot k_0 \cdot Q}{r^2}$



RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

O potencial resultante em um ponto é uma grandeza escalar, calculada pela equação abaixo:

$$V_C = V_1 + V_2 + V_3 = \frac{k_0(+Q)}{r} + \frac{k_0(+Q)}{r} + \frac{k_0(-2Q)}{r} = 0$$

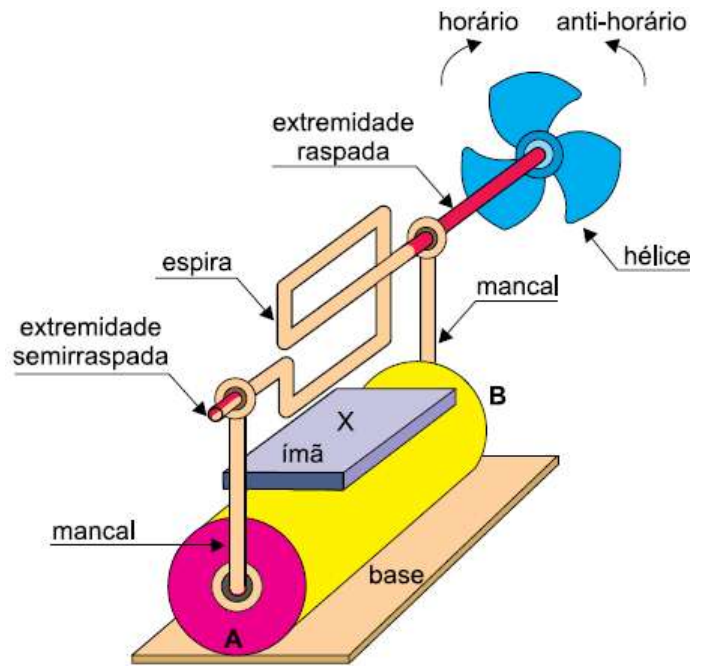
O campo elétrico resultante é uma grandeza vetorial. Como os campos elétricos produzidos pelas cargas q_1 e q_2 são de mesmo módulo e de sentidos opostos, vão se anular, portanto, o campo produzido pela carga q_3 é o campo resultante.

$$E_C = E_3 = \frac{k_0 |-2Q|}{r^2} = \frac{2 k_0 Q}{r^2}$$

Um motor elétrico é construído com uma espira retangular feita com um fio de cobre esmaltado semirraspado em uma extremidade e totalmente raspado na outra, apoiada em dois mancais soldados aos polos A e B de uma pilha. Presa a essa espira, uma hélice leve pode girar livremente no sentido horário ou anti-horário. Um ímã é fixo à pilha com um de seus polos magnéticos (X) voltado para cima, criando o campo magnético responsável pela força magnética que atua sobre a espira, conforme ilustrado na figura.

Se A for um polo _____, B um polo _____ e X um polo _____, dado um impulso inicial na espira, ela mantém-se girando no sentido _____. Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto.

- (A) negativo – positivo – sul – horário
- (B) negativo – positivo – norte – anti-horário
- (C) positivo – negativo – sul – anti-horário
- (D) positivo – negativo – norte – horário
- (E) negativo – positivo – norte – horário



(www.feiradeciencias.com.br. Adaptado.)

RESPOSTA E

Analisando as alternativas e aplicando a regra da mão direita, para força magnética aplicada sobre um fio condutor retilíneo, temos a alternativa E

O hexágono marcado na malha quadriculada sobre a fotografia representa o contorno do câmpus da Unesp de Rio Claro, que é aproximadamente plano.

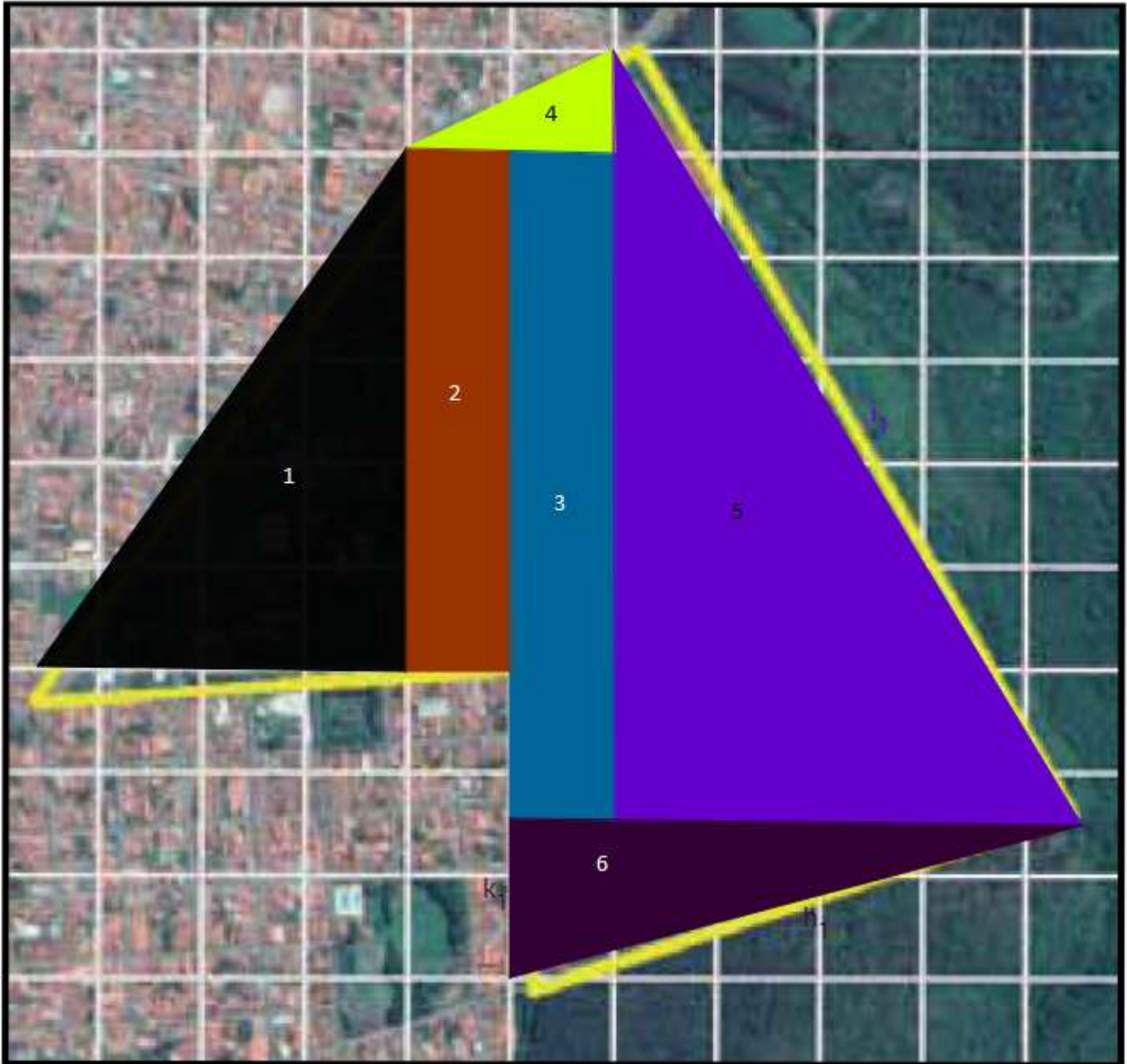


A área aproximada desse câmpus, em km², é um número pertencente ao intervalo

- a) $[0,8 ; 1,3[$
- b) $[1,8 ; 2,3[$
- c) $[2,3 ; 2,8[$
- d) $[1,3 ; 1,8[$
- e) $[0,3 ; 0,8[$

RESPOSTA

Considerando a nova figura aproximada temos:



$$A_1 = \frac{5 \times 3,5}{2} = 8,75$$

$$A_2 = 5 \times 1 = 5$$

$$A_3 = 6,5 \times 1 = 6,5$$

$$A_4 = \frac{2 \times 1}{2} = 1$$

$$A_5 = \frac{4,5 \times 7,5}{2} = 16,875$$

$$A_6 = \frac{1,5 \times 5,5}{2} = 4,125$$

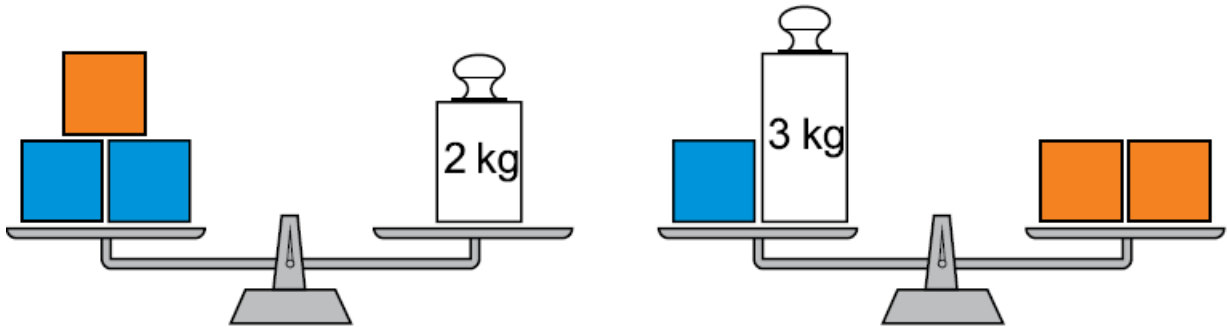
$$S = A_1 + A_2 + A_3 + A_4 + A_5 + A_6$$

Multiplicando os quadrados pela área em km temos:

$$R = S \times 0,16 \times 0,16 = 1,08$$

Que está entre $[0,8 ; 1,3[$

Três cubos laranjas idênticos e três cubos azuis idênticos estão equilibrados em duas balanças de pratos, também idênticas, conforme indicam as figuras.



A massa de um cubo laranja supera a de um cubo azul em exato:

- (A) 1,3 kg.
- (B) 1,5 kg.
- (C) 1,2 kg.
- (D) 1,4 kg.
- (E) 1,6 kg.

RESPOSTA D

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE

Considere:

x : a massa (em kg) de um cubo laranja.

y : a massa (em kg) de um cubo azul.

De acordo com as situações de equilíbrio apresentadas, temos o sistema de equações lineares:

$$\begin{cases} x + 2y = 2 \\ y + 3 = 2x \end{cases} \rightarrow \begin{cases} x = 1,6 \text{ kg} \\ y = 0,2 \text{ kg} \end{cases}$$

Portanto $x - y = 1,4 \text{ kg}$.

Uma companhia de engenharia de trânsito divulga o índice lentidão das ruas por ela monitoradas de duas formas distintas, porém equivalentes. Em uma delas, divulga-se a quantidade de quilômetros congestionados e, na outra, a porcentagem de quilômetros congestionados em relação ao total de quilômetros monitorados. O índice de lentidão divulgado por essa companhia no dia 10 de março foi de 25% e, no mesmo dia e horário de abril, foi de 200 km. Sabe-se que o total de quilômetros monitorados pela companhia aumentou em 10% de março para abril, e que os dois dados divulgados, coincidentemente, representavam uma mesma quantidade de quilômetros congestionados na cidade. Nessas condições, o índice de congestionamento divulgado no dia 10 de abril foi de, aproximadamente,

- a) 25%
- b) 23%
- c) 27%
- d) 29%
- e) 20%

RESPOSTA B

Em 10 de março, temos $25\% \cdot X$, onde X representa o total de km monitorados. Já no dia 10 de abril, houve 200 km monitorados. Já no dia 10 de abril houve 200 km de lentidão.

De acordo com o texto:

$$25\% \cdot X = 200 \rightarrow X = 800 \text{ km}$$

Com o aumento do total de km monitorados de março para abril, passamos a ter $1,1 \cdot 800 = 880$ km.

Assim, o índice pedido é dado pela razão $200/880 = 0,227$. Portanto, aproximadamente igual a 23%.

A figura indica o empilhamento de três cadeiras idênticas e perfeitamente encaixadas umas nas outras, sendo h a altura da pilha em relação ao chão.



(www.habto.com. Adaptado.)

A altura, em relação ao chão, de uma pilha de n cadeiras perfeitamente encaixadas umas nas outras, será igual a 1,4 m se n for igual a

- (A) 14.
- (B) 17.
- (C) 13.
- (D) 15.
- (E) 18.

RESPOSTA B

Para n cadeiras, temos:

$$140 = (n - 1).3 + 44 + 48$$
$$n = 17 \text{ cadeiras}$$

No universo dos números reais, a equação

$$\frac{(x^2 - 13x + 40)(x^2 - 13x + 42)}{\sqrt{x^2 - 12x + 35}} = 0$$

é satisfeita por apenas

- (A) três números.
- (B) dois números.
- (C) um número.
- (D) quatro números.
- (E) cinco números

RESPOSTA C

Condição de existência:

$$h(x) = x^2 - 12x + 35 > 0$$

$$\Delta = (-12)^2 - 4 \cdot 1 \cdot 35$$

$$\Delta = 144 - 140$$

$$\Delta = 4$$

$$\text{Então, } x_1 = \frac{12+2}{2} = 7 \text{ e } x_2 = \frac{12-2}{2} = 5$$

$$S =]-\infty; 5[\cup]7; +\infty[.$$

Denotemos por:

$$f(x) = x^2 - 13x + 40$$

$$g(x) = x^2 - 13x + 42$$

$$h(x) = x^2 - 12x + 35$$

i) $x = ? \text{ tq } f(x) = 0: x^2 - 13x + 40 = 0$

$$\Delta = 169 - 4 \cdot 40 = 9$$

$$x_1 = \frac{13+3}{2} = 8;$$

$$x_2 = \frac{13-3}{2} = 5;$$

ii) $x = ? \text{ tq } g(x) = 0: x^2 - 13x + 42 = 0$

$$\Delta = 169 - 4 \cdot 42 = 1$$

$$x_1 = \frac{13+1}{2} = 7;$$

$$x_2 = \frac{13-1}{2} = 6;$$

Fazendo as interseções, temos que:

f $\frac{5}{\bullet}$ $\frac{8}{\bullet}$

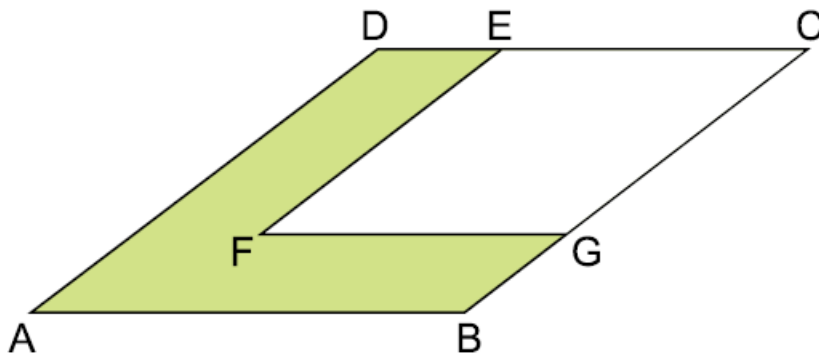
g $\frac{6}{\bullet}$ $\frac{7}{\bullet}$

h $\frac{5}{\bullet}$ $\frac{6}{\bullet}$ $\frac{7}{\bullet}$

$$S = \{8\}$$

Concluimos que o conjunto solução é: $S = \{8\}$, portanto alternativa C

Na figura, o losango FGCE possui dois lados sobrepostos aos do losango ABCD e sua área é igual à área indicada em verde.



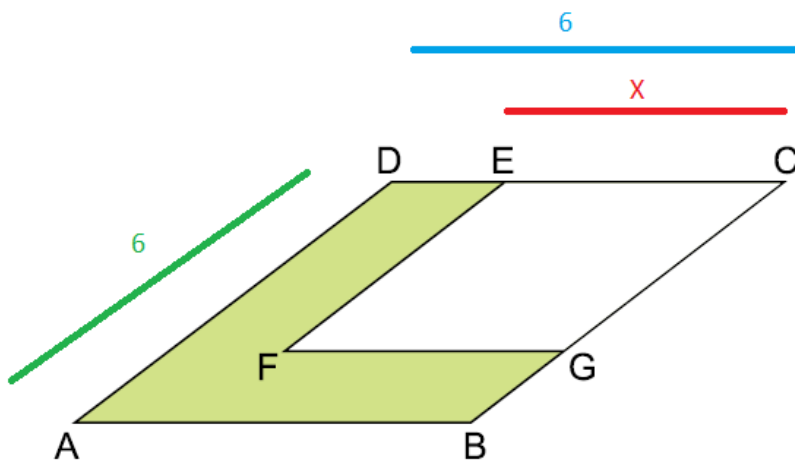
Se o lado do losango ABCD mede 6 cm, o lado do losango FGCE mede

- (A) $2\sqrt{5}$ cm.
- (B) $2\sqrt{6}$ cm.
- (C) $4\sqrt{2}$ cm.
- (D) $3\sqrt{3}$ cm.
- (E) $3\sqrt{2}$ cm.

RESPOSTA E

Curso e
Colégio

OFICINA
DO ESTUDANTE



Os losangos ABCD e FGCE são semelhantes. De acordo com o texto temos:

$$S_{ABCD} = 2 \cdot S_{FGCE}$$

$$\frac{S_{FGCE}}{S_{ABCD}} = \frac{1}{2}$$

Temos, por semelhança:

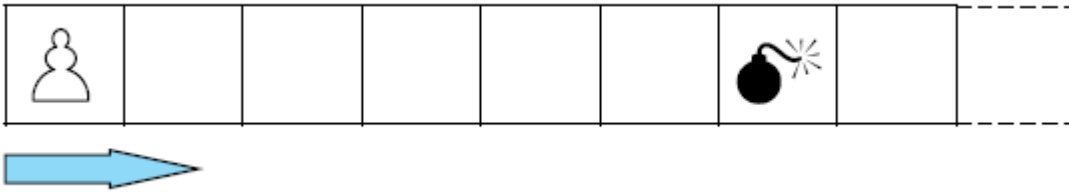
$$\frac{S_{FGCE}}{S_{ABCD}} = \left(\frac{x}{6}\right)^2$$

Assim,

$$\left(\frac{x}{6}\right)^2 = \frac{1}{2}$$

$$x = 3\sqrt{2}$$

Em um jogo de tabuleiro, o jogador desloca seu peão nas casas por meio dos pontos obtidos no lançamento de um par de dados convencionais e não viciados. Se o jogador obtém números diferentes nos dados, ele avança um total de casas igual à soma dos pontos obtidos nos dados, encerrando-se a jogada. Por outro lado, se o jogador obtém números iguais nos dados, ele lança novamente o par de dados e avança seu peão pela soma dos pontos obtidos nos dois lançamentos, encerrando-se a jogada. A figura a seguir indica a posição do peão no tabuleiro desse jogo antes do início de uma jogada.



Iniciada a jogada, a probabilidade de que o peão encerre a jogada na casa indicada na figura com a bomba é igual a

- a) $\frac{37}{324}$
- b) $\frac{49}{432}$
- c) $\frac{23}{144}$
- d) $\frac{23}{135}$
- e) $\frac{23}{216}$

RESPOSTA A

Considere os eventos:

S: soma total igual a 6

D: Resultados diferentes no 1° lançamento

I: Resultados iguais no 1° lançamento

Os resultados obtidos no primeiro lançamento podem ser analisados na tabela abaixo:

1º L \ 2º L	1	2	3	4	5	6
1	(1,1)	(1,2)	(1,3)	(1,4)	(1,5)	(1,6)
2	(2,1)	(2,2)	(2,3)	(2,4)	(2,5)	(2,6)
3	(3,1)	(3,2)	(3,3)	(3,4)	(3,5)	(3,6)
4	(4,1)	(4,2)	(4,3)	(4,4)	(4,5)	(4,6)
5	(5,1)	(5,2)	(5,3)	(5,4)	(5,5)	(5,6)
6	(6,1)	(6,2)	(6,3)	(6,4)	(6,5)	(6,6)

Casos S e D: (1,4); (4,1); (2,3); (3,2)

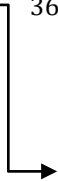
Casos I: (1,1); (2,2); (3,3); (4,4); (5,5); (6,6)

Sendo assim:

$$P(S) = P(S e D) + P(S e I)$$

$$P(S) = \frac{4}{36} + P(I) \cdot P(S/I) = \frac{4}{36} + \frac{6}{36} \cdot \frac{4}{6 \cdot 36}$$

$$P(S) = \frac{37}{324}$$



Casos que o primeiro lançamento obtem resultados iguais e a soma total é 6

